

**COMISSÃO DA VERDADE**

**PRESIDENTE**

**DEPUTADO ADRIANO DIOGO – PT**

**07/06/2013**

**COMISSÃO DA VERDADE.**

**BK CONSULTORIA E SERVIÇOS LTDA.**

**07/06/2013**

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – 49ª audiência pública, 07 de junho 2013, Auditório Paulo Kobayashi. Instalada a 49ª audiência pública da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo Rubens Paiva, no dia 07 de junho de 2013, Assembleia Legislativa, Auditório Paulo Kobayashi para oitiva dos depoimentos sobre o caso Solange Gomes.

Esclarecemos que a Comissão da Verdade pretende realizar todas as audiências abertas ao público.

Mesa. Composição da mesa. Vamos lá. Gilberto Lourenço Gomes, irmão da Solange, psiquiatra Gilberto. O Denílson Ferreira de Vasconcelos, que militou com a Solange em Salvador, na Bahia. Cadê o Denílson. Está lá. Vem para mesa.

Aqui, Denílson, senta aqui à minha esquerda. A Jesse Jane Vieira de Souza, historiadora, Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, companheira de prisão da Solange. A Rosalina Santa Cruz, assistente social, proa da PUC, companheira de prisão da Solange. Por favor, ao lado do Denílson, Rosalina. A Zenaide Machado de Oliveira.

A Rosalina Santa Cruz, a Zenaide Machado de Oliveira, cientista social, companheira de prisão da Solange.

A Ana Miranda veio? Está aqui a Ana, farmacêutica, militou no movimento estudantil juntamente com a Solange. E o Dr. Belisário, que é o relator do processo. É importante o Belisário está aqui também. Vamos seguir, tudo bem, mas pelo menos para fazer a imagem da mesa, do grupo, depois. Falta o Belisário.

Então, vamos começar com o Belisário porque aí já faz o relatório. Com a palavra, o Dr. Belisário dos Santos Junior que foi o relator do caso da comissão de mortos e desaparecidos. Com a palavra o advogado Belisário dos Santos Junior.

**O SR. BELISÁRIO DOS SANTOS JUNIOR** – Bem, Presidente, queridos, queridas integrantes da mesa. O meu voto da conta de que o viúvo da Solange Lourenço Gomes requereu, no reconhecimento, como prisioneira política e morta por motivos políticos, da sua mulher Solange Gomes, que é interessante lembrar que ela nasceu em maio de 1947 e morreu em 1º de agosto de 1982.

E o requerimento dava conta de que a Solange tinha sofrido abusos, maus tratos físicos, psicológicos, enfim, quando presa em 1971 em dependência dos policiais do regime militar, e suicidando-se em 1º de agosto de 1988.

Dava conta de que, por conta de sua prisão, os órgãos de segurança divulgaram intensamente o depoimento de que ela se dizia arrependida, renegando a sua condição de militante política contra o regime militar, que Solange passou a ser mal vista. Era essa a propaganda que se fazia. Perseguida, mesmo por antigos companheiros e militantes que foi utilizada pela repressão para fazer propaganda política; e que saiu da prisão aniquilada psicologicamente, e que passou a precisar a necessitar de tratamento psiquiátrico e, junto com o requerimento, vem o laudo e declaração do médico Carlos Ambrosio e documentos que já foram exibidos aqui da imprensa da época.

O meu voto, eu relembro que, na realidade, ela sim sofreu um surto psicótico, em função do qual, ela entrou em uma repartição policial e começou a falar coisas e imediatamente conduzida para órgãos da repressão política. Ela ficou presa.

É importante destacar. Há uma ingênua suposição de que a tortura é a tortura no grau máximo e que a tortura se dividiria em alguns graus. As pessoas são mais ou menos torturadas, mais torturadas, isso não existe. Isso não existe. Já demonstramos sucessivos estudos e várias comissões demonstraram que não há grau de tortura.

Aquele sentimento da pessoa que vai para o DOI-CODI, que era uma coisa absolutamente ilegal regularizada, mas ilegal na estrutura formal do Exército, Vai. Senta-se, e ele sabe, e ela sabe pelos relatos que já havia à época.

A sociedade não desconhecia a tortura. À época já sabia que ali se praticava a tortura. No Rio de Janeiro era intensa a tortura. Então, a pessoa recolhida ali, mesmo em grau de um evento psicótico em curso, ela sabia que seria amplamente torturada.

A tortura consistia na submissão da pessoa àquela possibilidade de tratamento. Nem

era, às vezes, necessário que se tocasse na pessoa para que ela se sentisse como se sentiram as pessoas que foram mais violentamente torturadas, estupradas, etc. porque para aquela pessoa sentada ali, à disposição das forças da repressão política, aquela pessoa encarnava todas as demais pessoas torturadas, ela encarnava e recebia, por algum mecanismo psicológico, toda a tortura que tinha sido praticada contra todos os presos e presas políticos até então, e torturas essas que já eram sabidas.

Eu dizia no início do meu voto que o observador dos tempos da ditadura não pode se dar o luxo da ingenuidade. A prova da prisão e interrogatório ante o DOI-CODI, aliada as provas de tortura, ali historicamente agregadas, são suficientes para entender que as pessoas que para ali conduzidas – independentemente do que se fizesse a elas – já tinham sido submetidas à tortura. E ela seguramente foi. A um primeiro momento, fala no surto psicótico, mas na sequência a disponibilidade dela ali foi utilizada para obter informação. O fato de ela ter se apresentado foi utilizado contra ela. Isso repercutiu imensamente. O dado da declaração psicológica é claro nesse caso.

Eu digo que os historiadores da época, desde Alípio Freire, Frei Beto, Heleno Claudio Fragoso, Jacob Gorender, Paulo Evaristo, Percival de Souza, Zuenir Ventura, enfim, todas as pesquisas feitas pelos familiares e presos políticos e, enfim, pelo grupo Tortura Nunca Mais, e Nilmário Miranda e outros, demonstram que a frequência não houve quem não fosse torturado ainda que, em algumas pessoas, não se tenha encostado um dedo.

Eu digo isso porque as pessoas, às vezes, elas se referem como não tendo sido torturadas. Eu vi um depoimento, e a pessoa dizia assim, eu não fui torturada. Mas... ‘Não. Não fui torturada’. Eu tive que mostrar a uma presa política 40 anos depois que ela tinha sido intensamente torturada ainda mais pela humilhação de um parente militar entrar na sala de tortura e dizer, um café. Uma laranjada aqui para ela. Quer dizer, no meio da tortura, com os torturadores com as armas da tortura na mão, e ela dizia não ter sido torturada. Quer dizer, essa é parte da tortura.

Na realidade, e eu não tenho dúvida de que a Solange não foi exceção, ainda mais considerando a folha de antecedentes, o seu currículo como pessoa participante de condutas de resistência política. Os relatórios policiais se referiam a ela como fria assassina. Mesmo aceitando que ela se tenha entregue espontaneamente, à época, em 2004, havia dúvida se tinha sido espontânea mesmo a entrega. Foi, hoje se sabe. Na realidade, é fácil imaginar a

pressão psicológica e física exercida sobre ela.

No relato que se produziu em São Paulo sobre tortura e o Estado Democrático de Direito na Secretaria da Justiça, eu fui Presidente da Comissão Especial do Estado de São Paulo, e ali se dizia que a tortura se presumia sempre houvesse ocorrido em dependências da polícia política. Porque isso com dados trazidos, enfim, da ONU da OEA, nós afastamos desde logo, essa questão. Foi, não foi torturada, isso não havia, e afastamos de cara isso.

O relatório obtido pelo CRM que nos foi aportado naquele momento – e que eu transcrevo no meu voto – era de que a experiência de convivência com pessoas torturadas no regime militar nessa época leva à conclusão de que o tipo de trauma sofrido, qualquer que seja, sempre provoca transtornos psicológicos de maior ou menor intensidade. Mas o fato é que provoca. A diferença é o efeito que a tortura, mas a tortura não tem graus e não deve ser distinguida porque ademais em uma clássica frase essa, eu falo com muita emoção, é de uma ex-presa política, a tortura é uma marca que não sai.

Estou terminando Senhor Presidente. Há muitos casos que podem levar ao reconhecimento até do CID como transtorno de stress pós-traumático. O torturado emerge de uma vivência caracteriza por graves ferimentos reais ou ameaçados ou imaginados, ameaças diversas à integridade física, a própria... Ou de outros como reposta, com resposta que envolve intenso medo, impotência, horror ou dor. Normalmente, o evento traumático é persistentemente revivido de várias maneiras correspondentes à verdade ou não.

O relato o que fala o Brasil Nunca Mais, com base em documentação da tortura. Me lembro do relatório de novo do Conselho de Medicina, lembro o os relatórios do Instituto de Medicina Social e Criminologia, dizendo que todo o individuo que tenha sofrido qualquer tipo de tortura apresentará para sempre danos psicológicos posto que se tornou um torturado. Ele pode conviver com o dano psicológico, mas ele terá sofrido o dano psicológico. Ele pode conviver bem ou mal, mas ele terá convivido, ele será um afetado permanentemente por essa convivência com a tortura que, lembrem-se, pode derivar de medo, de sofrimento outro, e pode derivar de dor também, não é?

Portanto, eu entendo perfeitamente coerente, entendi perfeitamente coerente, verificada clara a vinculação entre a morte que ocorreu em 1982 por suicídio e os constrangimentos que ela sofreu na sua prisão. Afaste-se também que a tortura só se dá quando a prisão é feita pelos agentes. Não. A apresentação voluntária resultou em um caso

célebre de um ex-Vice-Presidente da UNE, entregue nas mãos do Juiz-auditor. Ele foi torturado no ambiente da Justiça Militar que o Adriano Diogo, por sua interferência, por interferência de outros valorosos advogados recuperaremos em alguns dias para o Memorial da Liberdade.

Então, neste caso, há um relato do médico que acompanhou desde a saída da prisão até a morte de Solange dizendo que, durante esses anos, ele testemunhou o enorme esforço que ela fez para se recuperar do grave quadro psiquiátrico, psicótico consequente de sua prisão e, pior, consequência da perseguição que ela já vivia intensa. Ela era vista como assassina cruel. Era assim que a focavam e ela não resistiu a isso. Era a isso que ela também não resistiu e enfim, depois de presa, se acrescenta mais sofrimentos e ela sofre torturas físicas e mentais, reais ou imaginadas, não importa, e ela foi submetida, depois de presa.

Eles diziam que a fizeram revelar nomes de companheiros. Um depoimento que eu coloco entre aspas, como se dizia, arrependida e renegava a sua militância, e a divulgação disso a destroçou. E o relato continua dizendo que, ajudada por nossos esforços e a sua família... Acho que é uma história bonita essa que o médico conta. Ele vai além do dever de relatar. Eles dizem que ela sempre se sentiu culpada pela desgraça e morte de pessoas, ainda que não tenha sido, mas ela se sentia. Ajudada por nossos esforços, diz o médico, e sua família e de seu marido, Solange obteve muitas e significativas melhoras. Mas não conseguiu conviver com tantas marcas insuperáveis e continuar viva.

Com a edição de uma medida provisória de 2004, pouco antes do voto, introduziu-se no mundo jurídico a possibilidade de reconhecer para os efeitos legais as pessoas que se suicidam em função da tortura como pessoas que morreram na tortura. Em função disso, eu entendi que deveria ser concedido, e a concessão foi por unanimidade. Aqui eu venho me reencontrar com esse voto. Foi um dos primeiros votos que eu produzi. E enfim, me reencontrando com vocês eu me reencontro um pouco com essa pessoa que eu nunca conheci, mas pela qual, e por cuja imagem, tenho muito carinho.

Muito obrigado.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Ainda bem que existem pessoas como você, Belisário.

Amelinha, antes de a gente começar os depoimentos, dá para você pegar o microfone sem fio e identificar as pessoas daquela foto, por favor?

**A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES** – Bom, essa primeira é a Solange. A segunda, a Lúcia Murat. A terceira, me apresentaram aqui, a Wanda. Aqui a Solange, Lúcia Murat, a Wanda, a Inês Etienne, a Zenaide, Abigail e a Jesse Jane.

Está lá a Vera Bruce no Bangu, presídio feminino.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – De que ano?

**A SRA. MARIA AMÉLIA DE ALMEIDA TELES** – De que ano? Não tenho o ano. 1972 deve ser.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Então, o Gilberto Lourenço. Quem fez a foto?

**A SRA. JESSE JANE VIEIRA DE SOUZA** – Acho que essa foto foi feita pela mãe da Lúcia Murat que tinha sempre a audácia na marra com uma máquina fotográfica. Mas dona Liná, fazia coisas inacreditáveis, não é, Zenaide? Lembra?

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Vamos lá, Gilberto, irmão da Solange. Então, com a palavra, Gilberto.

**O SR. GILBERTO LOURENÇO GOMES** – Solange era uma pessoa diferente,

que não queria ser uma pessoa diferente. Queria ser apenas uma pessoa como as outras e se esforçou para isso. Impossível compreender a Solange sem fazer referência à poesia.

Em criança e no início da adolescência, Solange escrevia poesias. Depois parou, mas continuou a ler e se nutria dela.

Na prisão, Solange copiou uma poesia de Cecília Meireles.

‘ Pus meu sonho num navio e meu navio no mar. Depois abri o mar com as minhas mãos para o meu sonho naufragar. Chorarei o quanto for preciso para fazer com que o mar cresça e o meu navio chegue ao fundo e meu sonho desapareça’.

Um dos sonhos da Solange era um mundo sem miséria, em que a solidariedade e a alegria valessem mais do que o dinheiro.

Em 1963, um ano antes do golpe militar, minhas irmãs e eu frequentamos um curso de marxismo na casa de uma pessoa amiga. Nesse curso, nos ensinaram que a forma de realizar esse sonho seria implantar no Brasil uma ditadura do proletariado. Não sei até que ponto ela ficou convencida nesse momento, mas certamente acreditou nisso quando, em 1969, resolveu entrar na Luta Armada. Nesse meio tempo, tinha havido o Golpe de 1964 e o AI-5 em 1968.

Essa luta não visava derrubar a Ditadura para restaurar um regime democrático: minha irmã e seus companheiros queriam instaurar no país um regime marxista-leninista que representava seus ideais de justiça social, liberdade e fraternidade.

Ao ir para a clandestinidade, tinha 22 anos, e tinha completado o 3º ano de Psicologia na UFRJ.

Quem a conhecia como eu sabia que a Luta Armada era algo contrário à sua natureza, mas, naquela época, isso seria considerado um argumento pequeno-burguês. Achava-se que a ideologia fazia as pessoas. E assim, Solange tentou fazer a si mesma uma guerrilheira urbana. E conseguiu.

Junto com a ideologia, havia o amor. Solange viveu em seu primeiro ano de clandestinidade e ação revolucionária o grande amor de sua vida com Daniel Aarão Reis.

Sem dúvida, uma vida de grande stress, correndo a todo minuto, o risco da prisão, da tortura, da morte, mas compensada pelo amor e pela grande aventura de lutar por um ideal. E de um dia para o outro, esta vida se acaba com a prisão de Daniel.

Um grande trauma dessa fase da vida de Solange, anterior ao trauma da sua própria



prisão foi o da prisão de Daniel. De um dia para o outro, ela não tinha mais o homem que amava, não podia voltar para a sua casa. Também não podia buscar o apoio de sua família. Ele não podia existir mais na sua vida. Não tinha morrido, mas ela não podia vê-lo, nem se comunicar com ele, nem ter qualquer perspectiva de continuidade da relação dos dois.

A ideologia, pelo menos da maneira como ela entendia, preconizava que ela fosse em frente, se ligasse a outra pessoa, continuasse a luta revolucionária. E fazendo das tripas coração, assim ela fez durante mais um ano.

Outro grande trauma de sua vida havia sido o suicídio de nossa irmã mais velha em 1967, após quatro anos de doença mental, durante os quais havia conseguido, apesar de tudo, cursar os primeiros anos de sociologia.

A forma desse suicídio foi à mesma pela qual Solange, 15 anos mais tarde, se matou, após 11 anos da mesma doença.

Daniel foi libertado para o exílio em junho de 1970 em consequência do 3º sequestro de diplomatas.

O 1º sequestro, o do Embaixador americano, em 1969, foi planejado pela DI, organização da qual Solange fazia parte. O plano não deveria ter chegado ao conhecimento dela, que não era da direção, mas chegou. Ela se opôs imediatamente à ideia.

Segundo ela, o sequestro do Embaixador americano traria a CIA para assessorar a repressão brasileira. Parece que o Daniel votou contra essa ação, talvez, influenciado por ela. Mas o plano foi aceito e executado.

Do exílio, Daniel enviou uma carta, que chegou a ela onde abria a possibilidade de ela se juntar a ele. Ela respondeu que não porque a luta estava aqui. Tempos depois, ela soube que houve uma segunda carta que nunca chegou a ela, pois foi interceptada por seu novo companheiro.

Solange se entregou a polícia na vigência de um surto psicótico em março de 1971. Só após três meses, nós, de sua família, fomos informados pelo Exército de sua prisão.

Ao chegarmos a Salvador, ela tinha começado a ser atendida por um psiquiatra do Exército e estava medicada. Seu estado mental, entretanto, era péssimo.

A visita permitida a família era de apenas 20 minutos, uma ou duas vezes por semana. Eu tinha 21 anos, estudava e trabalhava no Rio e fazia 24 horas de ônibus no fim de semana para a visita de 20 minutos.

O psiquiatra indicou uma série de aplicações de eletroconvulsoterapia, o que trouxe uma significativa melhora no seu quadro. Após, algum tempo, conseguimos transferi-la para o Hospital Psiquiátrico Santa Mônica, onde as visitas eram mais frequentes.

Minha mãe alugou um pequeno apartamento por temporada em Salvador para poder dar assistência a ela.

Solange, ao que eu saiba não sofreu as torturas físicas que tantos outros sofreram. Mas, como o Dr. Belisário acabou de falar, ela ficou três meses sem contato com a família, sem direito de defesa, enfim, em circunstâncias que caracteriza uma tortura psicológica. Além do estado mental dela que era talvez a maior tortura.

Como se entregou em uma delegacia comum e estava visivelmente perturbada, devem ter custado a dar crédito à sua história. Ela chegou a fugir da delegacia onde se entregou, e pensou em se matar no mar. Mas acabou recapturada.

Encaminhada finalmente ao órgão de repressão do Exército, não devem ter tido dificuldade em extrair dela todas as informações que queriam, da a sua perturbação mental.

Solange desenvolveu um delírio de que seus companheiros de organização em Salvador não eram mais eles mesmos. Tinham sido todos presos e mortos, sendo substituídos por sócias a serviço da repressão em quem a memória deles havia sido transplantada. Esse delírio se estendeu depois à sua família, especialmente, ao nosso pai, bem como outros companheiros que reencontrou na prisão no Rio.

Como prova de que ele não era ele mesmo dizia que seus olhos antes eram azuis e agora verdes. Na verdade, meu pai tinha olhos claros de uma cor não muito definida, relativamente acinzentados.

Ela narrou aos investigadores uma história delirante de que meu pai, que nunca teve qualquer atuação política, sendo apenas simpatizante da Esquerda, era o chefe de uma organização subversiva.

Eles sabiam evidentemente que era delírio. Tanto assim que nunca o incomodaram. Entretanto, depois publicaram esse relato nos jornais sem referência à sua doença mental, comprometendo mais ainda sua imagem pública.

As informações que Solange forneceu levaram a várias prisões. Ela narrou toda a sua trajetória no movimento, incluindo, os vários assaltos à mão armada de que participou. A repressão pode então unificar as diversas identidades cujos nomes ela teve, das quais eles

já tinham conhecimento por depoimentos extraídos de outros e saber que elas todas eram Solange Lourenço Gomes cuja participação no movimento político nunca havia sido identificada.

Ironicamente, se ela tivesse simplesmente voltado palavra a casa de sua família, não teria sido presa, pois nada se sabia sobre a sua identidade real.

No Hospital Psiquiátrico de Salvador, Solange conheceu Osório, que havia tentado suicídio, e se apaixonaram. Fizeram planos de casamento.

Transferida para o Rio, escreveu para a Ilha Setembro. Querido Osório. Eu mentia quando dizia que tinha me esquecido do Daniel. O que havia era bloqueio, pois quanto mais tempo passa, mais parece ele presente.

Quando toca uma música que fala de amor, é nele que eu penso. Hoje, aconteceu. Tocou uma música muito bonita e eu pensei nele e comecei a chorar. Chorar por Daniel, por falta daquele amor muito querido que eu não consigo deixar de amar.

Parece que estou chorando diante de um muro, que é o destino irremediável. Sei que tenho que encontrá-lo de novo, nem que seja em outra vida, em outro planeta. Ele é tão meu como se fôssemos almas irmãs. E mesmo sabendo que não posso tê-lo de novo, não posso deixar de amá-lo.

Tento te colocar no lugar dele, mas sei que não posso fazer isso. Seria uma injustiça com você. Estou chorando, sabe? Estou muito deprimida, desarticulada. Não me sinto ligada a esse mundo.

Eu queria sentir mais o povo, o que nós sempre – eu e o Daniel – procuramos tanto, mesmo com toda a nossa ingenuidade, aquilo tudo acabou e eu me sinto aniquilada, desligada, a não ser pelo sofrimento.

A alegria que eu quero é a alegria dos pobres, dos humildes. Eu queria estar no meio deles, brincando com eles.

Eu sou uma mistura esquisita de cultura e simplicidade. É tão difícil. Será tão difícil achar meu caminho.

Transferida para o Rio, Solange ficou presa inicialmente na Base Aérea, depois da Vila Militar, no Hospital Central do Exército e, finalmente, no Presídio Feminino de Gericinó, Bangu, em dezembro de 1971. Daí, escreveu uma carta para Osório.

Um grande progresso que me elevou o moral foi o fato de ter diminuído os

remédios. Já não estou com tantos complexos de louca.

Ainda continuo com os mesmos sentimentos estranhos em relação aos meus pais e Gilberto. Já experimentei falar com os outros, mas já vi que não dá certo, pois no mesmo momento que tento externar um pensamento, vejo que as palavras que saem dizem coisa que ninguém entende, e até para mim mesma se desvanece o sentido do que eu ia dizer.

Durante o período em que estive presa, teve tratamento psiquiátrico particular pago por meu pai com o Dr. Campinho. Na prisão desenvolveu uma grande amizade com Inês Etienne Romeu com quem se correspondeu após ter sido solta.

Em julho de 1972 foi julgada inimputável e submetida medida de segurança em manicômio judiciário. Nosso advogado conseguiu, entretanto, que ela continuasse na prisão, sendo esta melhor que o manicômio.

Completado os dois anos da medida de segurança, foi submetida à perícia psiquiátrica que atestou não apresenta periculosidade e foi libertada em 1973.

Algum tempo após sair da prisão, teve uma internação psiquiátrica na Clínica Vila Pinheiros de onde saiu em tratamento psicoanalítico que se prolongou até o seu suicídio acompanhado de tratamento psiquiátrico.

Não quis retomar a Faculdade de Psicologia. Em 1975, fez curso vestibular para Medicina sendo aluna de meu pai, Professor de Biologia. Muito inteligente, classificou-se para a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Conheceu, namorou e casou-se com o Celso Pohlmann Livi. Desenvolveu novas amizades e manteve-se próxima à família. Formou-se médica em 1981. Teve alguns surtos psicóticos durante esses anos, que foram controlados com medicação.

Pouco antes de seu suicídio estava bem e havia feito uma tentativa de parar os remédios com o objetivo de engravidar. Quem estava muito deprimida na época era a minha mãe. Mas Solange entrou novamente em surto em um momento em que eu estava em viagem de férias. Fui ao seu psiquiatra, mas não aceitou a dose recomendada do medicamento, pedindo uma dose menor, que não foi suficiente para controlar o surto que, em menos de uma semana, a levou ao suicídio.

O que levou Solange a se entregar à polícia? Certamente, o fator primordial foi o surto psicótico que sofreu. Se estivesse normal, mesmo que quisesse abandonar o movimento, teria buscando outras alternativas, afinal não estava sendo perseguida, não

estava sendo ameaçada. Podia ter pedido afastamento da organização, ter ido viver incógnita em algum lugar, ter tentado exilar-se no exterior, ter feito contato com a sua família.

Na verdade, ela estava dominada pelos seus delírios, apavorada, e as alternativas que viu foram à rendição e o suicídio.

A meu ver, entretanto, outros fatores contribuíram para isso. Em 1971, o Brasil vivia o milagre econômico. O país crescia em ritmo acelerado, tinha ganhado a 3ª Copa do Mundo, as estatais fortalecidas pelo Regime Militar estavam pujantes. O Governo capitalizava suas vitórias com um clima de ufanismo, era a época do Brasil, ame-o, ou deixe-o.

Embora tivesse aumentado a concentração de renda, o crescimento econômico acaba sempre trazendo vantagens a sociedade em geral. O Governo Militar estava forte, coeso e vitorioso. O Movimento Revolucionário, por outro lado, se desmantelava. As prisões e mortes se multiplicavam. As ações violentas eram exploradas pela mídia, aliada, ou dominada pelo Regime. Os revolucionários eram rotulados como terroristas. O Movimento não teve adesão popular, isolava-se e a ação política dava lugar a um simples esforço de sobrevivência.

Solange era uma pessoa muito intuitiva e perspicaz. Embora sem querer admitir racional e conscientemente, creio eu, que o Movimento estava fadado à derrota. A ideologia mantinha que os fins justificavam os meios empregados. O sucesso da Revolução Popular compensaria as violências cometidas em seu curso. Mas no momento em que não havia mais sucesso a vista, tornava-se mais difícil ver o sentido e uma justificação para os assaltos e outras ações violentas.

Lembro-me de ela contar que em uma panfletagem, ela falava em arrocho, e alguém do povo perguntou, O que é que tem o arroz? O povo que deveria ser o objetivo e a sustentação da Revolução não entendiam o que eles falavam, nem estava motivado a desafiar o poderoso e bem sucedido Regime Civil Militar da Ditadura.

Na minha interpretação, o seu delírio antecipou o que ela inconscientemente intuía que iria acontecer inevitavelmente: todos seriam presos, mais cedo ou mais tarde. Na sua cabeça todos já tinham sido presos e substituídos por sócias que faziam parte de um

estranho experimento a que ela estava sendo submetida, não sabia com que propósito.

Depois de presa, Solange foi útil a seus captores ao fornecer todas as informações que pediam. Mas uma exceção foi o ponto do dirigente mais alto com quem tinha contato – não me lembro o seu nome – que ela não deu.

Na sua confusão mental tentou ver algo de positivo no Regime Militar sendo influenciada pelo que diziam, apresentando um pouco a chamada Síndrome de Estocolmo. Lembro-me de ela falar positivamente no PIS, Programa de Integração Social que havia sido criado um ano antes para beneficiar os trabalhadores como sendo uma iniciativa positiva do Governo Militar. Essas simpatias não duraram muito, entretanto, e acho que tinha a ver com toda a circunstância do fato de ela estar ali presa e submetida á influência daquelas pessoas que a interrogavam.

Solange sentia culpa por ter entrado pessoas que foram presas e torturadas. Sentia culpa por ter participado a assaltos à mão armada. Sentia culpa pelo pânico ocorrido no Estádio da Fonte Nova em Salvador que deixou mortos e feridos.

O caráter delirante da responsabilidade que se atribuía pelo último fato ocorrido dois dias antes de ela ter se entregado não diminuía a intensidade do sofrimento que experimentou por isso.

Apesar das experiências terríveis que viveu, Solange manteve o seu brilho e a sua alegria de viver que eu acho que a gente pode ver naquele sorriso que está ali.

Quis estudar medicina, apesar não ter grande vocação para ela devido a seu desejo de ajudar os outros.

Depois de formada, viu-se no dilema de, por sua doença, sentir-se incapaz de desempenhar adequadamente o papel de médica, uma vez que ela sempre se cobrava muito por qualquer coisa que ela se propunha fazer.

A princípio, considerava-se maníaco-depressiva, bipolar, depois concordou que tinha esquizofrenia. Após seu suicídio eu mesmo cheguei à conclusão de que o melhor diagnóstico para a sua doença seria o de distúrbio esquizoafetivo, que é uma forma intermediária de esquizofrenia e o distúrbio bipolar.

Quando estava em surto, ficava extremamente deprimida e delirante. Não parecia a mesma pessoa. Não falava muito, mas dava amostras de que os mesmos delírios voltavam.

A sua morte foi uma enorme perda para mim e para aqueles que a amavam. Apesar

de seu suicídio, a mensagem que deixou foi de amor à vida.

Obrigado.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Vamos lá. Então, o próximo, segundo o roteiro que me prepararam aqui é a Zenaide que vai fazer o segundo depoimento, Zenaide Machado de Oliveira.

**A SRA. ZENAIDE MACHADO DE OLIVEIRA** – Compareço aqui na Comissão da Verdade da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo para prestar meu depoimento sobre as violações de direitos humanos praticadas contra Solange Lourenço Gomes, uma opositora da Ditadura Militar, militante socialista que participou da resistência armada, juntamente com outras companheiras, muitas das quais aqui também dão o seu depoimento. Com ela compartilhei a vida na prisão desde o final de 1971 até fins de 1973. Inicialmente, nos quartéis do 1º Exército da Vila Militar no Rio de Janeiro e depois no Presídio Talavera Bruce do Complexo Penitenciário de Bangu, Rio de Janeiro.

Somos hoje, portanto, ex-presas políticas anistiadas pelo Estado brasileiro. Junto com Solange, participamos de um sonho de um país pautado pela fraterna convivência, com justiça, equidade, liberdade e soberania e por ele ousamos lutar.

Solange foi vítima de uma política de Estado. Como ativista política, atuando inicialmente no Rio de Janeiro, foi compelida a viver na clandestinidade já no final de 1969. Como prisioneira, detida em delegacias, manicômios, quartéis, presídios, foi exposta a conviver com medida de força, com o medo e a desproteção.

Mesmo sendo portadora de uma patologia de natureza psiquiátrica, diagnosticada inclusive por especialistas do Hospital Central do Exército, o que motivou a sua exclusão de vários processos contra ela movidos pelo Exército e pela Aeronáutica no Rio de Janeiro e em Salvador, Solange viveu quase três anos de reclusão por decisão de Tribunal Militar. Medida de segurança reteve por dois anos mais no cárcere.

Sabe-se que em final de 1970 fora descolada pela Organização na qual militava, o Movimento Revolucionário Oito de Outubro para atuar em Salvador, Bahia.

As condições de sua prisão estão recobertas de sombras e lacunas cujos relatos oficiais se restringem aos documentos das Forças de Segurança da época.

Há informações de militantes de que, em março de 1971, Solange participou com outros companheiros de uma panfletagem no Estádio da Fonte Nova em Salvador quando um acidente estabeleceu uma situação de pânico na população presente. Queda de arquibancadas provocou correria, pisoteamento, pessoas feridas.

Solange, então, teria sido acometida por uma crise psicótica e se entregou à delegacia de Jogos e Costumes de Salvador. Fato que posteriormente à própria nos relataria contando que saíra correndo do Estádio tomado por policiais e que parte da Cidade de Salvador se encontrava em chamas.

Ainda no período de incomunicabilidade, foi vista por companheiros em condições de extrema desumanização. Durante 90 dias teria sido mantida incomunicável em diferentes instalações: delegacia, quartel, inclusive, um manicômio até que a família pode encontrá-la.

Nesse período foi compelida a escrever ou assinar autoria de uma carta amplamente utilizada como propaganda diversa pelos órgãos da Repressão e veiculada pelos meios de comunicação. Fato cruel que a expôs às humilhações e à desonra. O conteúdo dessa carta denegria a Esquerda, a sua família e a atingia em sua própria condição de mulher.

O Jornal Carioca publica a matéria que tem como título Sexo é arma para atrair jovens à subversão.

Após o pedido de prisão preventiva e de mandado de prisão pela 6ª Região Militar em Salvador, foi transferida para o Rio de Janeiro a pedido de auditoria do 1º Exército para responder a processos em cursos.

Nesse período, transitou por instalações da Aeronáutica, do HCE e da Casa de Saúde Santa Mônica. Chegou ao nosso coletivo de presas políticas no campo de instrução de Gericinó, Quartel do Exército na Vila Militar em estado de desestruturação emocional e psicológica. Naquela altura, já havia um diagnóstico de psiquiatra que a atendera.

Pelo que soubemos na época, padecia de esquizofrenia com aspectos paranóides, o que veio a ser atestado posteriormente por diversos laudos psiquiatras.

E mesmo após ter sido julgada como inimputável, foi mantida em cárcere até final de 1973.

Somos testemunhas do enorme esforço de Solange para se integrar à convivência



conosco, às regras e à vida na prisão. Lutar contra a doença que a acometia – sobreviver.

Procurou com intensidade manter vivos seus vínculos e interesses. Estudava, lia muito, nos ensinava matemática, inglês, gostava de poesia, gostava de rir e de cantar.

Embora a vida nos cárceres nos reservasse alguns direitos como visitas de família, banho de sol, contato com os nossos advogados, estivemos expostas muitas vezes aos retornos para interrogatórios por meio de sequestros ocorridos dentro das instituições carcerárias, aos remanejamentos de uns quartéis para outros, sem que conhecêssemos as razões ou nossas famílias soubessem do nosso paradeiro. Situações correntes que intranquilizavam e aumentavam a desproteção.

Solange conviveu com tudo. Conosco, compartilhou a força do arbítrio. Seu enorme esforço de luta prosseguiu após a sua libertação tendo se formado em Medicina, reconstruído a sua vida afetiva, casou, sonhava ter um filho, seguir em frente.

Também a luta de sua mãe, pai e irmão foi incomensurável. Uma família já marcada pela dor de uma brutal perda da filha mais velha em decorrência de suicídio. A eles coube dar amor, propiciar tratamento médico, amparar, mesmo nas condições mais adversas e impróprias em um ambiente persecutório, punitivo, hostil. Uma situação de clara violação de direitos humanos, de usurpação da condição da cidadania, de supressão das salvaguardas do Estado Democrático de Direitos, supressão de justiça. O clima de terror desencadeado pelo terrorismo de Estado contra os opositores, o risco iminente de prisões, a tortura e a morte de militantes políticos foragidos, como era o caso de Solange, as circunstâncias de sua prisão, o tempo prolongado de permanência nos cárceres certamente contribuíram para o agravamento da doença que a acometia.

Toda essa vivência deixou marcas profundas e irrecuperáveis em sua vida. Ainda que a antecedente familiar indicasse uma possível patologia psiquiátrica, difícil supor que não tenham contribuído de modo decisivo na eclosão da doença e no desfecho fatal ocorrido anos após sua libertação.

Nós sobreviventes temos o dever de memória, de lutar contra a política do esquecimento. Um compromisso obstinado de luta para alcançar meios de reparação compensatória, meios de responsabilização dos envolvidos na prática dos crimes de lesa-humanidade, de violação dos direitos humanos para que se faça justiça.

Esperamos que o Estado e a sociedade sejam capazes de promover justiça e resgatar

valores simbólicos, históricos e culturais para que os usurpadores do poder sejam tratados como de fato foram: como ditadores e não mais como Presidentes.

Conforme Baltasar Garzón a justiça é uma condição civilizatória da humanidade concebida como e onde ela vive, ou seja, em sociedade no mundo todo de modo que não existem espaços sem direitos, especialmente, nos casos de lesa-humanidade em que a violação de direitos humanos tem na humanidade a vítima.

Difícil enxergar o mundo hoje e as relações internacionais sem essa nova ordem que parte do direito afirmativo em relação aos direitos humanos e dos povos na luta contra a tirania. Solange Lourenço Gomes se incorporou a essa tradição. Estamos aqui nessa audiência para homenageá-la e dar nossa contribuição para o resgate de sua memória como lutadora social para que assim se afirme o seu direito a memória e a justiça.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Zenaide, você esteve presa com a Solange desde o...

**A SRA. ZENAIDE MOREIRA DE OLIVEIRA** – Eu estive presa com a Solange em muitas situações em vários quartéis quando eles faziam aqueles remanejamentos, aqueles liquidificadores. O primeiro quartel onde nos encontramos foi o Campo de Instrução de Gericinó. Mas estivemos no Batalhão de Saúde de Material Bélico, em vários quartéis. Acho que nós rolávamos lá por uns nove, 11 quartéis e depois no presídio, no presídio feminino do complexo...

Eu estou ali naquela foto. Olhando da esquerda palavra à direita, eu sou a 3ª. Aquela baixinha ali. Tem Jesse Jane, Abigail, eu...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Gostaria de falar mais alguma coisa? Você foi presa na Bahia ou no Rio de Janeiro?

**A SRA. ZENAIDE MOREIRA DE OLIVEIRA** – Eu fui presa no Rio de Janeiro.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Que dia você foi presa?

**A SRA. ZENAIDE MOREIRA DE OLIVEIRA** – Eu fui presa em 30 de agosto de 1971.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Você foi torturada?

**A SRA. ZENAIDE MOREIRA DE OLIVEIRA** – Sim. Eu fui torturada, tenho depoimentos de auditoria, depoimentos, enfim, no Ministério Público.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Em sua visão, a Lei de Anistia deve ser revista, deve haver punição aos torturadores?

**A SRA. ZENAIDE MOREIRA DE OLIVEIRA** – Claro que deve haver punição aos torturadores. Inclusive, faço questão de colocar isso aqui no documento. Isso faz parte. É uma reparação. Essa reivindicação, acho que é uma obrigação. É uma obrigação nossa com a questão do dever de memória, de justiça. E acho que o Baltasar Garzón coloca muito bem essa questão. E eu procurei encerrar com essa maneira de ver em que o direito afirmativo coloca a questão dos crimes de lesa-humanidade em situações em que a vítima é a própria humanidade.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Está morando agora onde?

**A SRA. ZENAIDE MOREIRA DE OLIVEIRA** – Eu moro em Campinas.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Obrigado. Vou passar a fala agora a vítima Jesse Jane.

**A SRA. JESSE JANE VIEIRA DE SOUZA** – Eu fiz um pequeno texto para não me perder porque sou uma pessoa muito emotiva e termino não dando conta. Escrevi um texto que se chama ‘Solange, uma linda esfinge’ e eu queria dedicar essas minhas palavras à Solange e às companheiras que precocemente nos deixaram.

Nesta foto, temos duas companheiras que morreram: Abigail e Wanda Cozetti, ambas as vítimas de câncer. Eu digo que ‘vítimas de câncer’ que bem podem fruto de terem sido protagonistas de testemunhos de um tempo de utopias e de muita dor.

Então, eu queria registrar aqui essa, enfim, a ausência dessas duas companheiras. Abigail morreu muito cedo, muito jovem, muitos anos atrás, e Wanda Cozetti em um câncer de cabeça, morreu quatro anos ou três anos atrás.

Nessa oportunidade, devo situar as circunstâncias em que conheci Solange. Já não sei ocorreu no ano de 1972, ou 1973. Eu me encontrava no Presídio Caravela Bruce para onde fui, em outubro de 1979, saindo do CISA, do Sistema de Informação da Aeronáutica, após ter sido presa no dia 1º de julho daquele mesmo ano.

Aquele era um tempo difícil nas prisões, vivíamos sob muitas restrições.

Quando cheguei a Bangu, bairro onde se localiza o presídio sobre o qual nos referimos aqui, o coletivo de presas políticas era composto por militantes de várias organizações, e eram em grande número.

No princípio não me permitiram ir para o pavilhão onde estavam aquelas companheiras. Fui mantida em isolamento por muitos meses em um corredor onde ficavam presas comuns consideradas malucas, isso é, presas que haviam sido enquadradas no Código 121 do Código Penal.

No início de 1971, chegaram outras companheiras que também foram levadas para este mesmo lugar. Me refiro especificamente à Dulce Pandolfi, Estrella Bohadana, e outra companheira que ficou pouco tempo entre nós, que se chama, ou se chamava, Margarida, uma companheira da AP, se não me engano.

Em meados de 1971, creio que foi em junho ou julho, fomos incorporadas ao coletivo, que naquele mesmo ano foi desmembrado, e eu só pude conviver com poucas já que o espaço onde me levaram ficaram apenas Wanda, Julieta e Sonia Sales. As outras foram para outra ala. Contudo, essa divisão durou poucos meses e até o final daquele ano, estávamos todas em uma mesma ala. Lembrando que nesse período, o Sistema Penitenciário do Rio de Janeiro estava sob o comando da Secretaria de Segurança. Lembrando que esse é um período Médici, e todo o Sistema Penitenciário que tradicionalmente, sempre esteve sob à administração da Secretaria de Justiça, estava com a Secretaria de Segurança.

Nesse período, aquelas que não haviam sido enquadradas na nova Lei de Segurança, como as companheiras do Movimento Oito de Outubro e da AP foram soltas. Mas muitas outras chagavam dos quartéis.

Recordo-me a chegada das companheiras do Partido Comunista Revolucionário o PCBR, entre elas Abigail, companheira (ininteligível), Isabel de Carvalho e tantas outras.

Essa rotina de chegadas e partidas marcava o nosso cotidiano. E a saída de alguma sempre era motivo de muita alegria. Assim foi com a saída de Maria Luiza Garcia Rosa, cujo depoimento vamos ouvir, e da nossa querida Pupe e da Rosalina, a quem chamávamos de Biafra pela sua extrema magreza. Eram momentos de muita renovação na nossa vida cotidiana e, aos poucos, íamos nos despidendo de determinadas práticas que era, por vezes, dilacerantes, como era o caso dos chamados Balanços Ideológicos. Era uma atividade que o coletivo desde o seu início realizava toda vez que uma companheira chagava. E se constituía uma sabatina como havia sido o comportamento dos órgãos de repressão. Eram momentos muito difíceis para todas, uma vez que o coletivo era composto de pessoas oriundas de várias organizações e aquela exposição terminava por fragilizar ainda mais todas nós.

Eram momentos difíceis, mas a despeito de tudo, mantínhamos uma rotina que nos permitia sobreviver com altivez buscando fortalecer a nossa identidade de presas políticas e

isso era uma coisa extremamente importante porque o regime não aceitava que aceitava que existiam presos políticos no Brasil. Nós éramos todas rotuladas de terroristas. Em alguns momentos tentavam nos impor uniformes de presas comuns. Enfim, a nossa presença e a nossa existência era absolutamente negada. E, portanto, essa nossa rotina de fortalecimento dessa identidade nos parecia e continua nos parecendo uma atitude extremamente importante. Aliás, estamos aqui hoje porque conseguimos manter isso. Além disso, manter os vínculos de solidariedade necessários à nossa unidade interna.

Uma coisa que me chamava atenção era a falta de literatura sobre a vida nas prisões políticas. Sobre as prisões do Estado Novo só havia o livro de Graciliano Ramos e tivemos que buscar uma literatura produzida na luta contra o nazismo, sobretudo nas lutas anticoloniais. Fomos aprendendo no cotidiano com os desafios que surgiam a cada nova conjuntura. Assim, constituímos as nossas pautas, as nossas alianças externas, escavado informações que nos fossem úteis.

Penso que foram os presos políticos quem primeiro sentem, ainda que não tenham sido informados as mudanças nas conjunturas. Ao longo dos meus nove anos de prisão, pude sentir na pele todas as etapas da Ditadura, desde o Governo Médici, quando as nossas conquistas eram mínimas, o Governo Geisel, quando passamos a ter maior contato com o mundo externo e até o Governo Figueiredo quando fomos soltos.

Ao longo desse período, foram muitas greves de fome realizadas pelos presos políticos e dezenas de manifestos, denúncias foram produzidos nas prisões em todo o país. Faltam pesquisas sobre isso, a despeito de alguns relatos – me refiro em especial ao livro sobre o Presídio Tiradentes – a vida nas prisões permanece na opacidade.

Mas voltando chegada de Solange. Com ela, vinham os Anais de Machado de Oliveira, Lúcia Murat e Inês Etienne Romeu. Não lembro se chegaram juntas, mas me marcou a preocupação com Solange e a Inês, preocupação manifestada, particularmente, por aquelas companheiras que haviam convivido com ambas na Vila Militar. Preocupação e cuidado oriundos de razões diferentes: Solange pela doença e Inês pela gravidade do que ela havia vivido.

No coletivo, já tínhamos outra companheira que apresentava um caso de doença. Era Wanda Cozetti que tinha um quadro agudo de enxaqueca que e passa por momentos muito difíceis.

De qualquer forma, o pai de Lúcia Murat, Diretor de um Hospital Universitário, nos dava suporte, já que o Sistema Penitenciário era praticamente omissivo, a despeito de algum médico que, por força de algum concurso público, ia parar naquele presídio. Esse era o quadro geral no qual Solange se inseriu naquele instante.

Para mim Solange era uma bela esfinge. Eu não a compreendia, não compreendia o mundo dela. E agora, pela fala do Gilberto, vejo que nunca na verdade conheci a Solange. Apenas admirava a sua beleza e inteligência. Recordo-me das suas observações sobre o pai que todos os sábados a visitava.

Ela o considerava usurpador, alguém que havia sido plantado pela Repressão. E nessa mesma linha de raciocínio, ela se referia aos jornais e todas as informações que nos chegavam pelos meios de comunicação. Creio que pessoa mais próxima dela era Lúcia Murat, que a conhecia desde a época do Movimento Estudantil e que havia militado com ela na clandestinidade.

Solange não participava das atividades políticas do coletivo. Não havia qualquer cobrança de nossa parte nem havia por parte dela qualquer sinal que indicasse o desejo de participar das nossas intermináveis discussões. Naquele momento, tais discussões nos pareciam absolutamente necessárias porque entendíamos que aquele era o nosso campo de batalha, a nossa trincheira na luta contra a Ditadura.

Havia entre nós um imenso carinho por Solange porque compreendíamos que ela era nossa companheira e que, como havia se despojado por inteiro ao assumir a luta contra a Ditadura e sofrido as dores dos porões. E é com esse sentimento que sempre me recordo de Solange, de uma linda jovem com a qual convivi. Nunca compreendi o seu mundo, a sua dimensão da vida, mas, com certeza, sempre guardarei uma boa memória.

Muito obrigada.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT – Rosalina.**

**A SRA. ROSALINA SANTA CRUZ** – Eu vou até explicar porque me chamavam Biafra. Eu fiquei 52 dias incomunicável, passando de lugar em lugar e fui perdendo muitos

quilos. Eu cheguei a pesar 36 quilos quando eu cheguei no primeiro... No Gericinó, que é onde encontrei a Solange, onde encontrei a Zenaide, a Lúcia Murat, a Pupe.

Porque você fica chorando, porque a gente se contamina. Agora lá vou eu chorar também. Não quero.

Então, aí encontrei as meninas e eu tinha duas coisas que você me lembrou hoje. Na época, eu voltei a chupar dedo que nem uma louca dentro da cadeia. E além de chupar dedo, eu estava muito magra, pesando 36 quilos. Aí começaram a me chamar de Biafra. E ficou o meu nome. Era 'Bia' para cá e 'Bia' para lá. E eu, eu não chamo Bia e todo mundo perguntava, mas que Bia? E eu dizia, Bia de Biafra.

E outra coisa dessa época que eu lembro muito é que nós éramos, acho que éramos seis beliches, três e três, uma cela muito pequena, a cela como Gericinó. E no dia que a Solange chegou lá, e a gente, eu não conhecia a Solange. Não tinha participado no Rio, nem Draco, nem de estudante. Eu estudava em Recife. Eu no Rio já estudei. De rosto, eu não conhecia a Solange anteriormente.

Então, a convivência com a Solange nesse primeiro coletivo que era grande – Zenaide está dizendo que eu cheguei depois da Solange. Então, mas nesse primeiro coletivo, a minha relação com a Solange foi uma relação mais distante, porque era um coletivo grande, era um coletivo com seis – acho que éramos seis. A minha relação com a Solange mais profunda, mais perto, foi no segundo coletivo. Foi quando fomos eu, a Solange, eu acho que a Márcia. Eu tentei ligar para Márcia para saber se era ela, mas não consegui localizá-la. Éramos três.

E nesse coletivo, nós três, dizendo agora, eu não conheço a Solange e sei que há uma suspeita em relação ao comportamento de Solange. Como será que vamos conviver aqui? E foi uma convivência muito leve, muito amiga. Solange era linda bonita, cheia de vida, gostava de poesia, gostava de cantar e gostava de jogar xadrez. Ela jogava. E teve dois episódios – não deviam ser esses os primeiros a contar, mas contaram dois episódios – com o quartel.

Nós não podíamos nem ser vistas pelo quartel. Nós ficávamos fechadas em uma sala dentro do quartel, mulheres terroristas, e a gente só saía para o banho de sol na quarta-feira e no sábado em uma hora, quarta-feira à tarde, porque não tinha mais... os Soldados não estavam no quartel. Eles ficavam todos, nos levavam armados para um quadrado lá e nós



ficávamos andando tomando sol ali.

E um dia chegou um Tenente que vinha nos trazer comida porque até então podia ser Tenente para trazer a comida nesse quartel que a gente estava para que não fossem, não tivessem nenhum envolvimento com a gente. E quando eu vejo, a Solange conversa com o Tenente. O Tenente entra na nossa cela. E o Tenente passa a jogar xadrez com a Solange. E eu e a Márcia torcendo pela Solange e o Tenente jogando xadrez e a gente torcendo, Vamos, Solange! Ganha! Por fim, ele foi embora e no outro dia havia a notícia que o Tenente havia sido preso porque não podia entrar na cela da gente. E a gente O que foi? O que a gente faz? Eu disse, nada, não é? E a Solange disse, a gente não deixa mais eles entrarem aqui porque vai ser preso esse quartel inteiro. E depois pode ter uma repressão em relação à gente. Isso era Solange, uma pessoa cheia de vida, companheira. E outra vez foi que nós estávamos na cela, andando na cela e, de repente, ouvimos um barulho enorme do lado de fora da cela. E quando olhamos, não soubemos o que tinha acontecido, mas tinha alguém caído lá. E depois soubemos que foram três Soldados que subiram em uma árvore para nos ver e caíram da árvore e foram também presos.

Então, esse quartel teve muito problema da nossa presença ali. E nós cantávamos e Solange era muito divertida. E a gente lia muita poesia. Foi o coletivo. A gente teve dois coletivos. Um que era o primeiro e que a gente dizia quem não era o coletivo Summer Rio. Quem não é o mais organizado, tem que ser o mais descontraído.

**A SRA. ZENAIDE MACHADO DE OLIVEIRA** – Não foi na árvore que ele subiu.

**A SRA. ROSALINA SANTA CRUZ** – Foi não? Olha só. Quer dizer, ela nem estava. Lembranças.

**A SRA. ZENAIDE MACHADO DE OLIVEIRA** – Isso aí foi no Campo de Instrução de Gericinó, no CIPE.

**A SRA. ROSALINA SANTA CRUZ** – Foi no outro?

**A SRA. ZENAIDE MACHADO DE OLIVEIRA** – Eles subiram foi na janelinha, como é que chama aquilo? É basculante. Subiram e quem estava dormindo? Eles queriam pegar a Lúcia Murat. E eu estava em uma parte do beliche. Não, eles queriam pegar a Lúcia porque ela estava com a cabeça... Quando eu vi aquela mão, aí eu pulei igual um gato. Não é a mesma história? Bom.

**A SRA. ROSALINA SANTA CRUZ** – Não, pode contar a sua.

**A SRA. ZENAIDE MACHADO DE OLIVEIRA** – Não. É isso. Foi um Soldado, nos denunciámos, era de madrugada eu estava com insônia e eu pulei em cima dela porque eu queria pegar o cara, e ela acordou e falava, socorro, socorro. E eu queria subir por cima dela porque ela não sabia o que era aquilo. E eles eram Soldados. Foram presos.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Esse é um diálogo entre a Zenaide e a Rosalina.

**A SRA. ROSALINA SANTA CRUZ** – Essa não é a história que eu estava contando, mas mostra quantas histórias tem a nossa vivência no quartel. a história da Lú e a história dos outros Soldados que subiram na árvore para ver a gente. Porque provavelmente eles deviam saber quem são aquelas mulheres, eles já deviam ter visto a gente passar em outro lugar, terroristas, tínhamos 19, 20 anos. Então, devia haver muita curiosidade. No meu caso eu acho que foi curiosidade. O que a Zenaide contou não. Já foi por outra

intenção. O Tenente que entrou lá para jogar o xadrez, já foi por outra relação. Era um rapaz jovem que nem a gente. Estava ali, não era um lugar de tortura e ele queria jogar um xadrez, e a Solange era péssima no xadrez. a Márcia também. Eu não entendia nem aquelas peças. e a Solange, coitada, queria jogar xadrez, e a Márcia também. Ela gostava muito de jogar. A gente jogava até por carta, com os outros companheiros. Isso é parte do que era um pouquinho da convivência entre nós. Estávamos em celas muito pequenas dentro do quartel, e ali a gente conseguia ter vida. Conseguia ter emoção, conseguia ter sentimento, conseguia pintar as nossas paredes, declamar poesia, fazer um baile de carnaval que fizemos. O primeiro carnaval que eu passei lá no ano novo, isso é também um pouco da nossa história e da nossa vida na prisão. Por tudo que tínhamos passado, a gente conseguia ter emoção, vida, sentimento. E Solange era isso ali dentro.

Eu vou ler.

Eu gostaria de dizer que o caso de Solange Lourenço Gomes é um dos mais cruéis que conheço. Tendo sido torturada de várias formas, eu, em várias vezes. Em pau de arara que fiquei, levei choque elétrico na vagina, no corpo todo, passei por geladeira, fiquei emparedada, fui torturada psicologicamente várias vezes. Fui presa com o meu filho de cinco meses e fiquei separada dele, fazendo com que ele parasse de ser amamentado.mas quando lembro do caso da Solange, vejo que foi mais cruel do que tudo que passamos.a Solange se entregou em surto, enlouquecida. Foi usada da forma mais cruel que pode um ser humano ser usado. Eu sinto que o caso da Solange resgata o caso de todos os suicidas que não foram poucos. Recordo o caso do Frei Tito, de todas as pessoas que não conseguiram viver após a tortura. Eu acho que a gente tem que pensar nesses que se mataram depois. A Dodora no exílio se jogando na frente de um trem. Quando O Guarani conta no filme o último dia da Dodora na Alemanha. Foi muito duro o que a repressão fez com a gente, e era capaz de usar qualquer meio.

E eu acho que eu passei várias vezes, cada vez que eu relembro a tortura, eu acho que eu fui uma pessoa que fiquei muito perto, em uma linha tênue entre a loucura e a sanidade. Eu enlouqueci muitas vezes. E enlouqueci por conta do enlouquecimento que tem dentro da gente. Então, quando diz assim, a Solange tem uma irmã que se matou e a Solange tem uma pré-disposição para o suicídio. E eu devo ter uma pré-disposição para a loucura. A situação que eu conto, já conto há muito tempo e já tem aí filmado, quando eu

peço ao torturador, me mate porque eu não consigo mais, não quero mais, não aguento mais. É um sentimento de fragilidade que eu não consigo me matar também aqui, então, me mate. E eu me lembro do torturador dizendo para mim, eu lhe mato se eu quiser, quando eu quiser, e eu vou ficar fazendo você em pedacinhos por quanto tempo eu quiser.

Essa história eu narro no vídeo que eu participo junto com o Ivan em 1983. Essa imagem não sai de dentro de mim. Cada vez que eu lembro eu quase vejo o poder dele sobre a minha loucura, a minha sanidade, a minha morte. E quando o Belisário fala aqui que a tortura não tem grau, realmente ela não tem grau porque ela é assim, em cada momento pela nossa experiência pessoal, pela nossa vivência pessoal. Nas torturas todas que eu vivi, muitas vezes eu tive menos medo de ir para o pau de arara e ser estuprada e tal, do que ser ameaçada. Até as minhas reações físicas... Podia ser dito até como me disse uma vez o próprio Silvio Frota, eu vou contar porque é uma Comissão da Verdade, eu vou contar esse episódio. Esse episódio é assim. Eu estava no 1º Exército na Tutóia, na Barão de Mesquita, depois de 10 meses de presa. No DOI-CODI da Barão de Mesquita no Rio de Janeiro. Eu já estava presa há dez meses. E fui levada do quartel que eu estava na Vila Militar para o DOI-CODI porque havia um companheiro que tinha sido assassinado e eles acham que, no meu depoimento, tinha relação àquele. Aí, eu fui levada para o DOI-CODI.

Cheguei lá, eu fui emparedada na geladeira, foram álbuns e mais álbuns para reconhecer o companheiro. E três dias depois – posso, não sei muito bem, mas acho que três dias depois – o, eu acho que era o Nagib me chama e diz assim, você vai hoje. Amanhã vai ser sua audiência. E você vai daqui para se apresentar ao Juiz. Isso deve estar gravado nas audiências – gravado não. Escrito, registrado – porque as audiências foram registradas. E eu quero retomar isso e apresentar à Comissão.

Naquele dia eu cheguei e ele me disse. Eu fui para a audiência de uniforme de presa, uniforme listrado. Nenhuma das minhas companheiras ia palavra audiência assim. No dia que a gente ia para audiência, a gente se vestia, se arrumava, penteava o cabelo. Era um dia de festa porque a gente ia encontrar a nossa família, ia encontrar as pessoas.

Eu fui, eu estava descalça, eu estava sem sapatos, tinham perdido meus sapatos. Ele mandou comprar uma sandália vermelha, que eu lembro até hoje, de dedo. Me deu aquela sandália vermelha, aquele vestido de listinha e disse, olhe, você tire o capuz. Eu tirei o capuz e vi o rosto dele. Lembro do riso, do rosto e ele disse, olha, o que você falar, você vai

voltar para aqui. Você vai voltar. E eu fiquei muito amedrontada.

Estou falando isso para dizer como a coisa da loucura e da tortura faz. Quer dizer, isso não era nada. Se eu pensar, eu podia dizer isso não é nada, todo ser humano pode passar por isso. Isso aí não é nem uma tortura ele dizer, ‘Você vai para lá’. Você vai com esse vestido, você vai assim e você vai voltar, e veja lá o que você faz. Aquele seu advogado, eu mando prender na hora se eu quiser. Eu trago ele para aqui. Eu digo, eu sei. Eu fui para lá absolutamente certa que eu não ia falar nada.

Quando eu entrei no elevador, eu ouvi os camponeses entrando – que era do meu processo – e pouco depois o padre, e pouco depois o meu companheiro, e pouco depois a minha mãe, o meu advogado. E o Juiz nos chamou para uma (ininteligível). Quando ele me chamou, ele dá a palavra para cada um e pergunta se temos alguma coisa a declarar. Eu tive um surto psicótico. Eu tive um surto, talvez, semelhante ao que a Solange teve, porque só uma surtada podia ter feito o que eu fiz, eu acho. Tendo saído do DOI-CODI para ali frágil, quebrada, arrebentada, com 36 quilos, falei para o Juiz, ‘Olha, seu Juiz. Eu ali naquele lugar eu não volto porque eu levei choque. Choque na vagina, choque aqui...’ Não conseguia falar e o Juiz não conseguia me conter porque não é com o microfone. Se fala ali e eu falei que eu levei choque. Eles me ameaçaram. Ele disse que se eu voltar lá, eles vão me bater e vão matar. Eu digo, eu não quero voltar. Eu quero para o quartel. E quero que o Senhor me proteja porque eu estou ameaçada e aquilo ali é um horror. O Senhor não sabe as torturas que eu já passei. Eu não estou aguentando mais. Eu quero... Os militares, são cinco militares e um Juiz. E então, o Juiz interrompeu, suspendeu a audiência, visto que não tinha mais condições de continuá-la.

E o meu advogado, que era o Modesto da Silveira aceitou, fez uma denúncia dizendo, inclusive, que eu tinha sido levado para o Estado do Rio de Janeiro onde tinha sofrido um aborto. Lá deve estar escrito porque o Modesto declarou isso. E depois da declaração minha e do Modesto e suspensa a sessão, eu fiquei até oito horas da noite – eu e o Juiz – negociando para onde eu ia.

E eu nunca me arrependi tanto de ter falado tudo aquilo porque quando todo mundo foi embora, todos os presos e eu fiquei sozinha, eu disse, para que eu fiz essa à denúncia? Não sei se ela hoje serve. Deve estar registrado lá. Mas naquele momento, o arrependimento foi enorme de ter feito essa denúncia. Não saber o que poderia acontecer

comigo. Por que eu tinha nesse momento feito uma denúncia que podia me levar à morte, ou me levar a perder a dignidade porque, talvez, não tivesse condições de resistir ao que eles me fizessem quando eu voltasse para o DOI-CODI.

Então, houve uma garantia ali do Juiz que eu não iria para o DOI-CODI, que eu voltaria para o quartel onde eu estava.

Aí, me puseram em um camburão. E nesse camburão, eu algemada, o camburão corria assim para lá e para cá, em uma velocidade enorme, e eu comecei a olhar – eu já contei isso aqui até – aí eu comecei a olhar em um lugar que tinha um buraquinho que tinha na fresta do camburão. E eu via gente entrando, voltando para o DOI-CODI da Barão de Mesquita.

Quando o carro entrou ali, eu posso até descrever o que é medo. Era uma coisa que me pegou aqui que não me deixava respirar. Quando eu entrei ali no DOI-CODI, eles abriram a porta do camburão, me jogaram o capuz e disse, desce! Na hora que eu desci, a voz, acho que era do Nagib, a voz do torturador, do mesmo que tinha me dito, você volta para aqui, falou no meu ouvido só isso: Você voltou, Rosinha. Na hora que ele disse isso, eu tive uma tremedeira. Eu tremia tanto da cabeça aos pés. Tremia a boca e não conseguia parar. E com ódio de mim mesma. Eu acho que isso é loucura. Isso é um surto porque eu tremia tanto e dizia para eles, eu não tenho medo de vocês. Ele dizia, é uma covarde. E por que está tremendo tanto? Aí eu tremia mais e dizia, eu não estou. Eu não estou tremendo. Eu tremia. Não conseguia ter controle sobre o meu corpo com ódio daquela situação. E quanto mais eu dizia, mais eu era ridicularizada no meio de vários. Eu estava com capuz, mas eu ouvi vozes falando e ele me levando para dentro do porão lá da Barão de Mesquita.

Depois, quando eu fui levada para cima, depois de ter passado por tudo embaixo, eu fui levada para cima, ainda fiquei horas esperando que o – como é que chama o Silvio Frota é o que do 1º Exército? O Diretor? – comandante do 1º Exército fosse até a cela do DOI-CODI na Barão de Mesquita, ali em cima, nas celas de cima, eu estava na primeira cela, quando ele chegou... Eu estava de macacão, um macacão que ele nos dava lá cinza, deitada na cama, quando ouvi aqueles marchando em direção à minha porta. Eu dei um pulo e fiquei de pé, em continência, como todos os outros que estavam ali.

E quando fiquei em continência, olhando para aquele homem, eu percebi que corria alguma coisa entre as minhas pernas. Estava sangrando. Eu tive hemorragia de medo, de

tudo o que passei, daquela tarde porque fiquei oito meses sem menstruar durante a prisão. As minhas colegas lembram disso, as minhas companheiras de cela. E quando o Silvio Frota me olhou, ele disse, mas que absurdo! Que mulher nojenta! Como? A Senhora não passou por tortura. A Senhora não porque eu era uma menina. Mas ele disse, você não passou por tortura. Vocês não contam se não tiver uma pressão. Vocês tiveram uma simples pressão psicológica. Uma simples pressão psicológica.

Eu fiquei 52 dias, quase enlouqueci. Imagine a Solange que ficou 90 dias, que já entrou ali nas condições que eu estava naquele momento, talvez, pela clandestinidade, pela pressão que recebia Solange já devia estar atingido esse ponto quando entrou na cadeia em Salvador. Depois de 90 dias, imagina em que estado devia estar a Solange. Você não tem controle nem da sua tremedeira, nem da sua... E eles são capazes de usar isso não só para informação, mas para destruição das pessoas.

E eu queria contar, só naquele convívio, voltando agora para o convívio da Solange, eu acho que uma das coisas que eu me lembro assim que me marcou foi o dia que a Solange saiu para uma visita para o pai dela. A gente não conversou muito sobre a história. Eu tinha uma certa... Eu sou muito irônica. Eu ironizava muito com Solange a história do caldinho. E nesse dia, a Solange foi visitar o pai. O pai veio visitá-la ela foi e voltou muito rápido. Eu falei, Solange, por que tu voltaste rápido? O que aconteceu? Ela disse, ele não é meu pai. Ela disse, não. Ele está com o olho verde e outro azul. Eu falei, Solange, olho verde ou azul, olha para um só. Qual é o olho dele? É verde? não. Ela falou assim e eu comecei a ironizar e a brincar com a Solange em relação a essa história. Ela pegou e disse assim, você não levou caldinho não. Você é você mesma. Ela me conhecia antes.

Agora, a Lúcia, as outras não. O caldinho era aquela história que a Solange criou que era o caldinho da memória, que ela dizia que todos os companheiros que ela conheceu antes fizeram uma plástica e botaram o caldinho da memória. E por isso a pessoa tinha a lembrança do companheiro. E ela associava isso ao pai muito. Eu me lembro que depois dessa história eu comecei a brincar com a Solange com a história do caldinho, e ela não ficava zangada, ela ria. Ficamos amigas assim, mas nunca discutimos profundamente, eu nunca via a Solange como uma pessoa que naquele momento oferecesse algum perigo para a gente ou que estivesse enlouquecida. Naquele momento ela era uma companheira alegre, brincalhona. Em alguns momentos críticos tinha uma conversa pesada, mas a Solange era

poesia, era cantar, aí cantei tanto Asa Branca bem alto, e ela dizia que eu era muito desentoadada. Mas isso é verdade mesmo.

Eu vou terminar e queria ler uma coisa de Dom Paulo que ontem eu ia ler e não li, e eu acho que tem muito a ver com a Sol. Aqui é um prefácio que Dom Paulo Evaristo Arns fez para o livro, o primeiro dossiê dos desaparecidos políticos escrito na época de 90. Esse dossiê tem a Amelinha, o Ivan, o Marcelo Santa Cruz, é o primeiro dossiê de mortos e desaparecidos, e tem o desaparecimento do meu irmão, e Dom Paulo fala isso.

Tocar nos corpos para machucá-los e matar, tal foi a infeliz, pecaminosa e brutal função de funcionários do Estado em nossa pátria brasileira. Tocar nos corpos para destruí-los psicologicamente e humanamente. Tal foi a tarefa ignominiosa de alguns profissionais da Medicina e de grupos militares e paramilitares durante 16 anos em nosso país. Tarefa que acabamos exportando ao Chile, Uruguai e Argentina. Ensinamos outros a destruir e a matar. Lentamente e sem piedade. Sem ética nem humanismo. Este é um livro de dor. É um memorial de melancolias. Um livro que fere, e machuca mentes e corações. Um livro para fazer pensar e fazer mudar o que deve ainda ser mudado e pensado em favor da vida e da verdade. E termina Dom Paulo dizendo, nunca mais a escuridão e as trevas, nunca mais ao medo. Nunca mais a exclusão e a tortura. Nunca mais a morte. Um sim a vida. Paulo Evaristo Cardeal Arns.

Esse prefácio me lembrou muito a Solange. Solange que era vida, que morreu e continua viva no nosso coração, na nossa lembrança, mas a Lúcia tem um filme dela que ela diz assim, que bom que sobrevivi, mesmo com todas as dores, mesmo com todas as marcas, que bom que sobrevivemos e que pena que Solange não sobreviveu. Bom que Jesse tenha sobrevivido, Ivan, Amelinha, Ana, Zé, Pupi, Talu, pudemos ter filhos, fazer denúncias, construir essa luta, resgatar nosso passado por todo esse tempo. O choro é pelo fato de a Solange só poder estar na nossa lembrança, no nosso pensamento e não poder estar vivendo a vida que nos foi dada a viver. Solange, presente sempre! Agora e sempre nos nossos corações e na nossa luta.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Deixa eu consultar. Zenaide, vamos ouvir a Ângela agora e o Denílson ou vai primeiro passar os depoimentos gravados,



como vocês prepararam os roteiros? Agora os depoimentos gravados. Então, vamos desfazer um pouco a mesa e assistir os depoimentos gravados. Denílson, dá uma escurecida na tela. O Denílson quer falar antes.

Zenaide, o Denílson está pedindo para falar antes, vamos ouvir o Denílson. Denílson Ferreira de Vasconcelos, que militou com a Solange em Salvador, na Bahia.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Eu peço desculpas, uma das dificuldades, das sequelas daquele período, eu tenho uma dificuldade enorme de falar em público. Eu conheci Solange no final dos anos 70 quando ela substituiu a Lúcia Murat no trabalho do MR8 de Salvador. A última vez que eu vi Solange em liberdade foi cerca de 15 dias antes da minha prisão que foi no dia 12/03/71, em uma quarta-feira de cinzas. Ela deveria ter ido ao Rio de Janeiro discutir inclusive a sua transferência de Salvador, e a volta seria no dia 12 à tarde, exatamente no ponto que eu tinha com ela. Dia 12 à tarde, quando houve a minha prisão. Solange era minha namorada. Ela foi um dos grandes amores da minha vida. Foi um impacto muito grande o estado que ela ficou. Eu soube da história cheia de sombras, para mim continua cheia de sombras de que ela estaria presa, tinha sido entregue por um funcionário da Polícia Federal que nos viu no elevador Lacerda, de uma distância muito grande. Mas como ele tinha boa memória, ele a reconheceu. Eu duvidei. Levei a discussão com os companheiros essa história e ninguém acreditou, mas mesmo assim eu fui encontrá-la até porque tinha além do interesse político, o interesse pessoal. Fui encontrá-la com certas cautelas. Tinha o encontro 10 minutos depois nas proximidades com outro companheiro, porque se houvesse alguma coisa os demais companheiros seriam informados. Fui preso no dia 12/03/71, alguns dias depois fui levado com outro companheiro preso, Renato da Silveira para um simulado de enforcamento no quartel da Polícia do Exército em Barbalho, Salvador, e foi quando eu tive a última vez que eu vi Solange. Eles já levaram com uma roupa estranha, uma roupa que cobria grande parte do vestido, grande parte do corpo, eu não sei se marcas de sevícias, e aí eu tive certeza de que ela estava louca, porque eles simularam o enforcamento e ela não esboçou a menor reação. Para uma pessoa que além dos laços políticos tinha laços afetivos muito fortes, ela foi usada como instrumento de tortura também.

Essa história da panfletagem no estádio da Fonte Nova, eu fiquei sabendo já preso, é uma história estranha porque ela não deveria nem estar em Salvador no período. É muito difícil falar dessas coisas. E só fui saber dela tempos depois, em um encontro rápido com Lúcia Murat, eu estava preso no quartel da Aeronáutica, antes de ser transferido para a penitenciária, a Lúcia Murat estava em trânsito, através de um Soldado eu consegui um rápido contato com a Lúcia Murat e foi quando ela me fez um relato das situações, da própria Solange. Mas essa história de ela ter se entregue, é uma história que para mim continua nebulosa, mesmo tanto tempo depois. O princípio desse processo. E fiquei muito tempo sem saber notícias, até porque tudo aquilo me pesou muito, e eu só fui saber da (Pausa). É difícil falar. Eu não sei o que falar.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Depois ele retoma, na medida em que ele for organizando. Você pode ficar um pouco mais com a gente aqui? Fica sossegado.

Então vamos lá. Vocês acham que é melhor antes da Ana ver os depoimentos gravados mesmo, faz parte? Você queria falar, Ana. Fica mais perto da gente, aqui.

**A SRA. ANA MIRANDA** – Que bom que você está aqui, Denílson. Eu não conhecia essa história de Salvador, que ela foi alguns meses antes. A nossa vida sempre tem falhas que a gente vai preenchendo. Parece uma colcha de retalhos que a gente vai preenchendo um pouquinho, mas sempre ficam umas lacunas. Então, essa sua vinda é importante para nos reportar o que aconteceu em Salvador. Eu queria saudar e louvar essa Comissão da Verdade porque ela dá toda a atenção e me parece prioridade aos testemunhos, e não só aos documentos produzidos pela ditadura. Isso é uma visão que a gente está tentando dar no Rio de Janeiro também, que a Comissão da Verdade está começando lá, mas não é a visão de todas as Comissões da Verdade. Não é porque a gente quer falar, embora fale muito, tenha muita história para contar e tal. É porque uma coisa é a história produzida por eles. É a história oficial, é a história que ficou no oval, no livro oficial deles e tal, que quase nunca corresponde a nossa história. Eu tenho um depoimento

diferente. Essa parte do coletivo eu vivi no presídio Tiradentes. Recolhimento de presos no Tiradentes, aqui em São Paulo.

Eu sou do Rio de Janeiro, conheci a Solange no Rio de Janeiro, movimento estudantil, e na minha quarta prisão eu estava em São Paulo, então, eu vivi esse coletivo de presas políticas na Torre das Donzelas no recolhimento de presos Tiradentes, coitado do Tiradentes, nome de presídio. Que nem presídio da Liberdade do Uruguai. Solange era uma figura que eu conheci no movimento estudantil. Eu estudava farmácia e ela estudava psicologia. Nós entramos na Universidade do Brasil. ainda não era nem UFRJ. Era Universidade do Brasil porque o Rio de Janeiro era capital. Depois que virou UFRJ. Ela entrou um ano antes de mim, portanto, eu era caloura dela. E na escola eu já entrei assim, querendo saber o que estava rolando, querendo militar em movimento estudantil. Se não me engano ela entrou um ano antes, em 66, e o Instituto de Psicologia era ao lado do diretório da Farmácia, ali na Praia Vermelha. Ainda é um Instituto de Psicologia lá. A farmácia que mudou para o fundão, e outras faculdades. Então, a praia vermelha ia até a Medicina que foi rapidamente destruída, era um prédio muito bonito, eu tive aula lá. Hoje eu acho que é um prédio da Escola Superior de Guerra.

Solange era uma moça que chamava atenção como um tipo de morena brasileira muito bonita, inteligente, na época ela namorava ainda o Zílio, ambos eram da dissidência da Guanabara, ou ligados à dissidência. Era uma pessoa simples, não era muito falante embora se posicionasse sempre que a ocasião exigia, nós chegamos a fazer parte do mesmo grupo de estudos. Posso estar enganada, mas a minha primeira assistente política foi Vera Silvia Magalhães que era da Economia. A Economia também era ali, era um conjunto de sete faculdades ali. E era uma pessoa absolutamente discreta, portanto em nada parecida, apesar de ela chamar a atenção pela beleza física, mas em nada condiz com a imagem que fizeram dela e que colocaram no jornal, o sexo é a arma da subversão, e que ela dormia com todo mundo e não sei o que, etc. e tal. Embora nós estivéssemos vivendo um momento de mudança política, cultural, especialmente mulher, mas ela não era de aparecer ou de, não era essa pessoa. Então, realmente ela foi usada e abusada. A imagem dela foi usada contra nós. E uma das coisas mais incríveis que eu acho que a tortura produziu em vários sobreviventes que até hoje não querem saber, não falam do assunto, não ficam em cima, é que muitos de nós continuamos a nos sentir culpados pela tortura e morte de companheiros

que é um deslocamento do que foi o terror do Estado. O que produziu isso foi o terror do Estado. Foram às torturas produzidas pelo Estado, e nesse meio havia pessoas, vamos dizer, mais frágeis, mais vulneráveis, e pessoas que às vezes por circunstâncias conseguiram se refazer. Muito na linha do que a Rosa falou, e que a Lúcia fala, se vocês quiserem ver no ‘Que bom te ver viva’, eu acho que muitos de nós vivíamos no limiar da loucura. A Lúcia fala muito isso no filme, e a Rosa fala isso aqui. Ou nós nos sentíamos enlouquecendo, ou em momentos, estou perdendo a razão. Isso nos foi absolutamente comum devido ao cansaço, a falta de dormir, as torturas, uma parte que a Rosa já falou, os jacarés, os estupro, as tentativas de fuzilamento, os enforcamentos e tal. Muitas vezes a gente já teve esse limiar. É que Solange é um caso simbólico, mas não é o único caso, muitos de nós não aguentaram. No Rio de Janeiro, por exemplo, a gente lembra Ronaldo Dutra Machado, além da Solange porque Solange nasceu em Campinas, mas era do Rio de Janeiro, vivia no Rio de Janeiro, militava no Rio de Janeiro, alguns meses em Salvador. A Dodora que já foi citada aqui, o caso mais conhecido é do Frei Tito, mas há outros, eu não me lembro do nome dele, o menino, o nome dele era Bicho, da Var Palmares. Agora a pouco eu soube de um caso da Bathia Veitman, que viveu internada a vida inteira e morreu no ano passado. Passou três meses presa, foi muito torturada pelo Fleury, então, eu acho que essa é uma situação que deve ser vista pela Comissão da Verdade como um tema muito especial. Muitos não aguentaram, muitos enlouqueceram mesmo. Não conseguiram ou conseguiram por momentos, se refazer. Eu por exemplo, reencontrei Solange se não me engano em 76. Eu voltei à faculdade e ela ingressou na medicina e por acaso teve um seminário, eu não me lembro o que foi na área de saúde, eu fui sentar ao lado dela. Era uma companheira, foi muito bom à gente ter se encontrado, e ela estava vivendo o momento refazer. Voltando a estudar, tratada e foi um momento muito bom de revê-la porque eu tinha uma noção vaga do que tinha acontecido com ela. Eu acho que você tem razão, Denílson. Essa história como milhares de outras, pode não ter sido exatamente essa.

Ela pode ter sido presa, no meio do pânico ali mesmo e depois disseram que ela se entregou para continuar denegrindo, é uma possibilidade. Tantas são as histórias mentirosas que essa é uma possibilidade. Mas eu vou fazer força para isso. Nós temos um comitê de acompanhamento da Comissão da Verdade do Rio de Janeiro, e eu acho que realmente a gente devia ter um tema sobre aqueles que não conseguiram refazer suas vidas ou que

ficaram tão marcados que não foi possível continuar vivendo. Quer dizer, a marca do sofrimento foi tão grande que não foi possível continuar vivendo. Também alguém me falou de Tadeu, me falaram do Ruivo no Rio de Janeiro, eu estou, pois é, tem mais casos e por isso que eu acho que, um outro ponto ligado a esse são vários companheiros que não aguentaram e foram internados em casas de saúde psiquiátricas. Que casas são essas? Os prontuários estão lá? Não estão? Isso me lembra, por exemplo, o caso da Isis Dias de Oliveira, companheira desaparecida talvez na Casa da Morte de Petrópolis no Rio de Janeiro, disseram que há relatos de que ela teria sido submetida a uma cirurgia nos rins. E então ela foi internada em algum lugar. Não é possível. Eu também fui, também perdi um rim em tortura. Eu acho que não é possível ter havido uma cirurgia... Nas casas de saúde eu acho que é possível levantar dados sobre essas pessoas. É isso, nos hospitais psiquiátricos e em outras casas hospitalares onde essas pessoas foram internadas. Eu já tentei eu e outro companheiro pedir no HCE no Rio de Janeiro, eu fiquei uma semana internada no local, não sei como chama, paciente com transtornos, eu não sei como é o nome politicamente correto hoje, no HCE, e não dão mais prontuários, eu tenho direito, a Lei de Acesso a Informação. Então vamos continuar insistindo. Não é bem assim, não deram os nossos prontuários de 70, mas eu acho que é um caminho que a gente deve perseguir para tentar preencher mais um pouquinho essa nossa história. Outra coisa que precisa ficar registrado, a gente não falou aqui, mas alguém deve saber, alguém deve ter visto e deve estar registrado em algum canto, quem foram os responsáveis pela tortura psicológica, a grande imprensa que escreveu 'o sexo é a arma da subversão' e que portanto, foi conivente com isso. Quem foram os responsáveis pelo que aconteceu com essas pessoas, no caso a Solange, para que essa sociedade toda possa saber.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – O encarregado da Solange quando ela estava na Bahia era o então Major Cineli. Não sei o sobrenome. Mas já é um... E aqui um... (Pausa).

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Vamos lá. Só um minutinho. Deixa a gente passar os vídeos para não interromper a sequência que eles mesmos organizaram, mas sabe uma coisa que está precisando, que eu não sei se vocês vão ter condições, Jesse e os companheiros que tem feito relatos sobre a situação da Solange, se vocês não podem fazer relatos sobre a situação de vocês. Fazer um pouco paralelos das histórias, porque com o pessoal que está aqui em São Paulo, é mais fácil. Mas com vocês a gente não vai ter essa convivência. Vamos ver os vídeos então, aí todo mundo dá uma respirada e a gente retoma.

\* \* \*

É FEITA A APRESENTAÇÃO DO VÍDEO.

\* \* \*

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – O irmão da Solange pediu um minutinho de deu uma saída. Então, vamos recompor a mesa e aí a gente vai para os finalmente também. Vamos tentar recompor a mesa com as pessoas que estão aqui para a gente ir para o encerramento.

Então, vamos lá. Rosalina, o Gilberto já vem vindo. A Zenaide, a Jesse já vem. Cadê o Denílson. Bom, deve ter dado uma saída. Mas tudo bem. Vamos recompor a mesa para fechar os depoimentos.

Pronto, Rosalina. Gilberto já volta. A Jesse já volta. Deixe-me fazer um comentário enquanto o pessoal está voltando. Na segunda-feira, às duas horas da tarde – a Taís tem um pouco de convite aí – vai ser lançado o livro sobre a sentença da Corte Interamericana de Justiça sobre a situação da tortura no Brasil. Então, ontem o Paulo Vannucchi foi eleito representante do Brasil. O Brasil reatou as relações com a Corte que haviam sido suspensas desde o julgamento de Belo Monte, e ontem, com a eleição do Paulo Vannucchi, o Brasil volta a participar da Corte. Até parece que a gente só pode ser favorável á Corte quando ela dá votos favoráveis aos nossos interesses.

Bom, o que acontece na segunda-feira à tarde vai haver uma reunião de caráter político organizativo, que é o lançamento desse texto que condena o Estado Brasileiro e vai se tentar começar a fazer uma organização em nível estadual, inicialmente, aqui no Estado de São Paulo e nacional.

Quais as medidas que nós vamos tomar, que nós podemos conseguir, para que em um nível de organização nacional, na medida em que no Congresso Nacional a tentativa de rever a Lei de Anistia foi arquivada pela Comissão de Constituição e Justiça, nós vamos tentar, pelo movimento popular ou por uma iniciativa de coleta de assinaturas, ou projeto de iniciativa popular, enfim, nos mais diversos meios, o Movimento Nacional pela Revisão da Lei da Anistia.

Então, segunda-feira à tarde vai ser um dia muito importante. A gente está juntando vários juristas e lideranças populares e políticas para começar o Movimento Nacional pela Revisão da Lei da Anistia.

Então, a gente queria convidar as pessoas que estão aqui. Eu queria pedir palavra TV Assembleia, se pudesse gravar algumas chamadas para a reunião de segunda-feira, convocando a reunião de segunda-feira para que a gente pudesse...

Estão confirmados Dr. Belisário, Luiz Eduardo Greenhalgh, Marlon Weichert, Rosa Cardoso, Flávia Piovesan, Fábio Konder Comparato, a Professora Deisy Ventura, enfim. Os Procuradores da Casa estão nos apoiando, enfim. O mundo jurídico-político. E vamos tentar.

Então, principalmente, para vocês que são do Rio, na segunda-feira à tarde, por ocasião do lançamento desse documento, que foi um documento que custou muito sacrifício, 10 anos para ser julgado pelos familiares, o documento dos familiares, e vocês do Rio de Janeiro tiveram uma importância muito grande nesse trabalho, nós estamos precisando. Então, até era bom que houvesse um repique final dos convites eletrônicos para que o pessoal do Rio pudesse propagar para o Brasil todo.

Então, só está faltando o Gilberto, ele vai voltar. Então, vamos lá.

Vamos fazer um fechamento organizado das falas. Esse dia é importantíssimo. Eu queria ver se o Denílson tem condição de falar mais um pouco, se tem condição de dar um fechamento no seu depoimento. É muito importante. Você foi a pessoa que ficou mais

próximo dela lá na Bahia, antes da prisão dela. Se você conseguir falar um pouco seria importantíssimo.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – A Solange que eu vi em liberdade antes da minha prisão não tinha nada a ver com a Solange que eu vi alguns dias depois da minha prisão. Nada, absolutamente nada, a não ser a semelhança física. Porque era uma pessoa uma enorme vitalidade. Não por acaso fazia o que fazia. Daí, as minhas dúvidas todas em relação a essa história que eu não sei se acabou influenciando a visão da (ininteligível) a partir dessa história da Fonte Nova, é uma história muito mal contada. Ainda, para mim continua sendo uma história muito mal contada. Eu falo isso o tempo inteiro para companheiros. Eu falei isso para o Emiliano quando ele me entrevistou para escrever o livro Lamarca, falei isso para outras pessoas. Eu continuo dizendo, será que nós não estamos espalhando, reforçando a versão que eles queriam que a gente aceitasse? Porque alguns companheiros de militância, a gente não sabia dessa história, desse ato na Fonte Nova até porque não batia com o trabalho que a gente estava desenvolvendo na cidade.

Então, eu não sei se isso já é parte de loucura dela ou se é parte de uma história que era conveniente que a gente aceitasse.

**O SR. GILBERTO LOURENÇO GOMES** – Eu posso fazer uma intervenção aqui?

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Pode.

**O SR. GILBERTO LOURENÇO GOMES** – Eu não tenho lembrança de ela falar da panfletagem, mas eu tenho lembrança de ela falar de que ela tinha sido culpada,



evidentemente, de forma delirante, essa atribuição de culpa por aquilo que tinha acontecido, por aqueles, com aquelas pessoas que tinha sido feridas e mortas naquele tumulto.

E sobre a própria prisão dela, o fato de ela ter se entregado, ela dizia que, realmente, ela tinha se entregado e que, na ocasião que ela tinha se entregado, ela já estava dominada pelo delírio de que os companheiros não eram mais eles mesmos, e que eles já tinham sido substituídos por outras pessoas.

Enfim, isso que já foi falado aqui.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Essa história eu ouvi da Lúcia Murat, mas já na prisão.

**O SR. GILBERTO LOURENÇO GOMES** – Pois é. Mas era apenas o que ela mesma nos relatava. Quer dizer que, aparentemente, ela relatava essa questão de ela ter se entregue nessa delegacia de Costumes. Ela relatava isso. E ela relatava que depois dali, inclusive, ela conseguiu escapar. Ela se entregou, mas depois resolveu fugir. Fugiu efetivamente. Teve até peripécia de ter andando em cima de um telhado, coisa desse tipo, e pretendia se suicidar no mar, se jogar no mar e tal. E depois, eu não me lembro mais dos detalhes, ela foi recapturada e foi encaminhada. Isso é relato dela mesma.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – O problema na Fonte Nova, uns 15 dias antes das ocorrências na Fonte Nova, a Imprensa local começou a criar um clima de insegurança muito grande. Eu me lembro disso. De insegurança muito grande e que iria acontecer algum acidente. Quer dizer, foi se criando um clima de que teria problema na Fonte Nova. Estava na boca do povo essa história da Fonte Nova. Quando aconteceu, o impacto foi muito grande, mas se fizer uma pesquisa nos jornais da época, você vai encontrar alguns dias antes do acontecimento da Fonte Nova, aquele clima de que vai ter problema. Aliás, se criou de novo quando teve um problema na Fonte Nova recentemente antes da demolição do estádio. Quer dizer, tava na cabeça de todo mundo.

Dali a fazer parte de algum delírio era uma coisa muito possível de acontecer. Então, essa história para mim continua cheia de sombras. Mas também o problema maior são as consequências de todo esse processo.

**A SRA.** – Vou fazer uma pergunta. Quem foi a última pessoa que viu a Solange em liberdade? E quanto tempo com relação à questão da Fonte Nova?

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Olha, segundo informações que a gente tem, informações da imprensa, da polícia e tudo, a Solange se entregou no começo de março.

**A SRA.** – E você, qual foi o último contato que você teve com ela?

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Eu estive como ela uns 15 dias. Eu fui preso no dia 12. Eu estive com ela cerca de uns 15 dias, mais de 15 dias, mas varia em torno de 15 dias antes do dia 12. É só fazer uma... Quer dizer, foi no final de fevereiro. Ela deveria ir para o Rio de Janeiro. Ela tinha. Tanto é que a minha prisão e a de uma outra pessoa – agora me deu branco – que era de uma outra parte da organização foi no mesmo dia. Eliana, a da Eliana foi no mesmo dia. Eu fui preso de tarde e a Eliana foi presa logo depois. Eles tinham muita pressa. Eles começaram a me espancar na rua. E eu achei que tinha sido uma coisa interessante que eles pararam no Hospital Ana Neri onde eu tinha um encontro marcado com o companheiro exatamente para confirmar se estava tudo bem, se não estava. Eles estavam com muita pressa. Eles me jogaram no quartel da Polícia do Exército e saíram atrás de... Então, houve uma sequência de prisões a partir daquele dia.

Eu tive encontro com a Eliana dias da minha prisão e não se falou nada em relação a essa atividade na Fonte Nova. Então, e acho estranho. O nosso ponto de contato com a Organização era a Solange. A Solange coordenava esse trabalho.

Em relação a essa atividade na Fonte Nova. Então, eu acho estranho e eu era, o nosso ponto de contato com a direção da organização era a Solange, a Solange coordenava esse trabalho. Então, eu cuidava de imprensa e trabalho político em bairros populares, e a Leane em camadas médias. Não se comentou nada sobre isso. É estranho que ela não tivesse falado nada para a gente, muito estranho essa atividade na Fonte Nova, e essa atividade não tivesse participado também.

**O SR.** – Eu acho que mesmo que não tenha havido a panfletagem e nem a atividade, simplesmente houve a tragédia. E houve uma assimilação por parte dela, delirante de uma não possibilidade...

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Exatamente. Mas não uma interação que primeiro contato dela com a repressão deve ter sido nesse período que ela deveria ter ido ao Rio de Janeiro. A partir daí, essa história, eu até hoje me preocupo em estabelecer esses laços, eu não consigo estabelecer essa amarração entre...

**A SRA.** - Quando ela saiu de Salvador, ela tinha um ponto no Rio de Janeiro. E esse ponto no Rio de Janeiro era com quem? Não sabe?

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Não sei.

**A SRA.**– Porque a gente podia refazer isso. Era uma coisa importante para a Comissão, porque se ela tinha um ponto no Rio de Janeiro com a organização, em que dia? Esse ponto ela furou. Isso é cerca de 15 dias antes da prisão de você. Então, teriam duas hipóteses que a gente já teria pensado inclusive quando estava nas conversas com a

Solange, porque teriam duas possibilidades. Ou a Solange teria que ir para o Rio de Janeiro e não foi. O que a Solange explicou com isso, teria uma explicação rápida de suspender tudo quando ela fez, não foi no ponto do Rio de Janeiro. Caiu então porque não chegou. E ela não tendo dado notícia de vida, ou ela estava presa e podia estar até morta, ou ela conta, mas pode ser realmente falso. Ou ela ficou em Salvador já com surto fazendo o que ela conta, que as pessoas seguiam ela e ela pode ter ido já até a Fonte Nova. Essa é uma possibilidade que é a versão da repressão. E ela pode realmente ter sido presa, e a organização naquele momento, era bom que a Lúcia estivesse aqui para saber por que a organização naquele momento não avisou a família, não avisou imediatamente que ela tinha furado os pontos e onde ela estava, porque (ininteligível) a prisão de vocês.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Porque tinha evitado o dia 12 de março.

**A SRA.** – Tinha evitado, porque se ela não chegou no Rio de Janeiro, ter evitado os pontos de volta era o mínimo de segurança que podia ter feito. E porque não foi feito? Ela ser avisada no Rio de Janeiro 15 dias depois da pessoa ter faltado aos pontos no Rio de Janeiro, é uma desorganização.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – A nossa ligação com o Rio de Janeiro era a Solange.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Espera aí, vamos lá porque senão fica assim fora de contexto.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Isso tudo é para reforçar

o seguinte, tem um período de sombras e exatamente essa fase da Solange ter se entregue na (ininteligível) e tudo que vem depois.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Aproveitando a sua presença em São Paulo, aqui na Comissão, a família da Iara Iavelberg fez até um documentário reconstituindo a queda dela. Como você viveu todo esse período, você e o Lamarca já estavam lá em Brotas, quando é dada a prisão da Solange, em março?

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – A da Solange não, a minha. Mas no momento das prisões, a Solange deveria estar de volta em Salvador no dia 12 de março.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Certo. E a queda da Iara que dia é?

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – É bem depois. Já é um segundo processo de queda.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Sim, tudo bem. Eu sei disso. Só estou perguntando para efeito de registro.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – A gente já estava preso nos quartéis de fuzileiro naval (ininteligível - sotaque). Aí acontece a morte da Iara.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Que dia é a prisão da Iara? 20 de agosto. Vamos lá. Recompõe o clima da época para a gente ter o contexto, e aí a gente volta para o caso.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Na realidade eu tenho a impressão que...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Você ficou preso até quando?

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Eu fiquei até 74. Eu fui pego oficialmente, eu fui sequestrado no dia 12 de março em uma quarta feira de cinzas, depois do carnaval e fui preso exatamente no dia de São Pedro. Até lá eu estava passeando pelos quartéis. Eu e outros presos. E foi a partir daí que minha família oficialmente pode se mexer, a minha e a de outros presos.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Aí teve uma série de quedas generalizadas em Salvador.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Teve. Em Salvador teve um intervalo porque o processo de morte da Iara já é uma segunda queda do MR8. Quer dizer, já é uma segunda etapa.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Mas tudo que se fala da queda da Iara começa com a possibilidade do que ocorreu na Fonte Nova.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Depois se fez a ligação com isso aí porque era a mesma organização. Eram as mesmas pessoas, mas foram duas etapas bem distintas. Houve tempo inclusive da organização se reestruturar, mas isso aí é uma outra discussão. A ida do Lamarca, por exemplo, naquela conjuntura é uma loucura. Com todas aquelas prisões.

**O SR.** – Eu tenho um documento que se não me engano é um cartão de visitas de familiares, que dá a data da prisão dela como sendo dia quatro de março.

**A SRA.** – Você falou que encontrou com ela no quartel, quantos dias depois?

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – É muito próximo do dia 12 de março, depois. Eu já estava preso e eles usaram a figura da Solange como parte, era uma loucura porque a gente tinha sido levado para (ininteligível - sotaque).

**A SRA.** – Mas isso logo depois da sua prisão. Dias subsequentes.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – É. Muito próximo. Coisa de três ou quatro dias. Nessa ocorrência estávamos eu e Renato da Silveira. E foi aí a constatação de que Solange estava louca realmente, porque ela não esboçou nenhuma reação, o que seria natural em qualquer pessoa que não estivesse desequilibrada, não só pelo envolvimento político daquelas pessoas que estavam ali, mas emocional.

**A SRA.** - E você até então não sabia que ela estava sequer presa.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Sabia. Eu comecei falando o seguinte. Alguns dias antes da minha prisão, um funcionário da Polícia Federal descreveu essa história que a mídia divulgou dela ter se entregue... E que ele dizia, aquela é a sua namorada porque eu vi ela uma vez.

**A SRA.** – Falavam com você dentro da prisão.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Na rua. Eu estava em liberdade ainda. Eu fui preso depois inclusive, já morreu, Temístocles Arguno, que era funcionário público da Polícia Federal. E foi dotado na Polícia Federal pais de militantes políticos e nós discutimos isso na organização essa história que era uma história muito maluca, e todos nós não acreditamos que fosse possível ser a Solange, dada a instância em que ele tinha visto. Hoje onde é o Mercado Modelo perto da Alfândega, ele estava ali e eu estava com ela no Elevador Lacerda, é uma distância muito grande para alguém memorizar, mas mesmo assim quando eu fui encontrar com a Solange, a gente foi com a desconfiança. Eu tinha um ponto de confirmação 10 minutos depois de encontrar com ela. Exatamente não voltando, estava confirmado que era verdadeiro. E ela foi ao ponto, mas não chegamos, na minha prisão ficou, ela foi ao bairro da Fonte Nova e ela vinha andando no sentido contrário ao meu, (ininteligível).

**A SRA.** – Ela morava sozinha em Salvador?

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Morava sozinha. Como militante a gente se encontrava, mas naquela loucura toda que a gente conhece. E ela tinha chegado justamente para fazer companhia a Lúcia Murat.



**A SRA.** – Tem alguma coisa aí, algum dado que nos falta.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Tem. Apesar de esse tempo todo...

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Deixa eu perguntar uma coisa aqui. Quem é você? Quem era você? Como você entrou na organização?

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Eu fui da dissidência do Partido da qual fazia parte Jurema, Sarno, Nemésio, com a prisão desse pessoal o trabalho de Salvador foi interrompido. Uma parte ia para São Paulo a casa de Sarno e Jurema e eu fui para o Rio de Janeiro para tentar um contato com o pessoal do MR8. E quem nos levou ao Rio de Janeiro foi o pessoal do Var Palmares somente como transporte, para estabelecer os contatos. Como isso não foi feito, eu voltei a Salvador. O trabalho que a gente desenvolvia político em Salvador estava largado, eu entrei em contato com os antigos companheiros da dissidência que estavam no MR8 e começamos a atuar juntos. Então, nós tínhamos, eu tenho a partir da Lúcia Murat quer dizer, (ininteligível) e trabalho de bairro junto com outros companheiros. E a Solange tinha, era o vínculo da gente com a direção nacional. O trabalho de camadas médias que era, tinha um outro trabalho, e esse nós não tínhamos contato que devia ser o trabalho de campo, era o José Carlos que veio aparecer depois. (ininteligível) diante da não reação. Agora, o estranho é que ela estava com a roupa muito grande e um vestido que cobria inclusive até os pés.

**A SRA. ROSALINA SANTA CRUZ** – A companheira pediu para eu dar um recado aqui. Ela queria que eu colocasse que achou muito importante a questão da nossa

solidariedade, das mulheres que ficaram presas com a Solange. A solidariedade de aceitá-la e conviver no presídio em uma época em que éramos tão (ininteligível), à esquerda. E eu realmente acho que isso era uma coisa muito feminina. A Solange era companheira e acolhemos sim. E em relação à questão que você está colocando, Denílson, uma questão muito forte que é a questão da clandestinidade. A Solange estava vivendo experiências que a gente vendo aqui se ela se entregou ou não se entregou, é o sofrimento e a pressão que essa menina sofreu, uma menina acostumada a estar no Rio de Janeiro, participar do movimento estudantil, ter que viver em uma clandestinidade dessa, sozinha na Bahia, em uma vaga, em uma solidão, desproteção que não sei como resistimos. Essa coisa de ir perdendo os vínculos, não se sabe nem se ela tinha um vínculo no Rio de Janeiro, ela naquele dia não dormiu em casa e no outro dia ela não chegou, e no outro também não chegou. Que coisa terrível foi à clandestinidade, a vida que a gente teve que viver tão jovem e não houve outra realidade diferente daquela que vivemos, desprotegidas antes.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Até os encontros para namorar eram encontros escondidos, clandestinos. Cuidado com a repressão e cuidado inclusive para encontrar outros companheiros até de outras organizações. Salvador não é uma cidade grande. Vivia se esbarrando. Então, isso também não era brincadeira, administrar essa tensão. Eu morava sozinho e, no entanto, não poderia levar a minha companheira para a minha casa.

**A SRA. ROSALINA SANTA CRUZ** – E não é só a tortura. A vida, a militância traz para a gente. É emocionante ouvir você falar, companheiro, é emocionante a gente trazer as coisas de uma forma que fica marca. O teu depoimento, essas histórias que a gente nem sabe quantos dias a Solange ficou, nem se ela foi aquele dia. Essa é uma história que precisa ficar registrada, que precisa contar para existir, essa história da clandestinidade, da vida, dos afetos.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Agora, ainda hoje falar disso para mim é muito complicado. Ainda hoje.

**A SRA. ROSALINA SANTA CRUZ** – Estamos vendo, e estamos solidários contigo.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – Eu espero que tenha ajudado.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Foi importante, importantíssimo. Eu queria ouvir um pouco da história de vocês, mas eu acho que a gente devia ficar hoje na questão da Solange. Vocês querem fazer uma fala de encerramento, e tal?

**A SRA.** – Eu queria fazer uma proposta. Eu já vi aqui em várias audiências se tirar resoluções e vários encaminhamentos, até para reparação simbólica e tal, e então no caso eu acho que seria interessante à gente pensar na possibilidade da Comissão da Verdade da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo se dirigir aos jornais que na época publicaram aquela aberração, aquela coisa infame. Um deles, sabe-se que é o Jornal do Brasil. Mas outros jornais também e eu não sei qual. Nós temos aquela matéria que é o Jornal do Brasil. mas é possível ver os jornais da imprensa carioca que reproduziram até títulos distintos, essa matéria que Lúcia Murat tem e que me mandou e eu passei para vocês, é do Jornal do Brasil e o título é outro. Não é essa que saiu aqui no livro ‘Luta, substantivo feminino’.

**O SR.** – Os títulos eram distintos, mas o texto a gente vê que era praticamente o

mesmo. Era uma coisa que já era passado ao jornal para...

**A SRA.** – Claro. E eu acho que cabe a essa Comissão da Verdade se reportar aos jornais e buscar a retratação.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – A Thais Barreto é baiana de Brotas de Macaúba, sobrinha de Zequinha Barreto e ela vive essa história desde que nasceu. E ela queria dar uma palavrinha.

**A SRA. THAÍIS BARRETO** – É o seguinte, a história da Solange me intriga muito. E hoje eu acho que a gente está vivendo uma oportunidade de ter outra visão. Quem me deu a senha no outro depoimento, porque eu não pude acompanhar todo porque teve um problema e eu tive que sair, depois eu vou pegar o vídeo, mas a senha que o Denílson me dá sobre como ele a viu, eu acho que a gente tem que ver essa mulher, eu acredito que exista uma possibilidade de ela ter sido presa antes, porque que pressão, o que foi que ficou sob a Solange para ela tomar essa atitude. Porque no livro foi tratado em uma passagem muito rasa, mas eu não estou criticando porque Emiliano é para mim um grande exemplo. Ele foi preso com o meu pai e eu não fazendo uma crítica negativa, muito pelo contrário, é positiva. Emiliano escreveu sobre uma pressão muito grande de difícil apuração de como é até hoje. Você vê que até hoje na Bahia o Governador não instalou a Comissão da Verdade, é um absurdo. E hoje eu tenho uma noção maior porque meu pai, você vê, sempre teve dificuldade de falar. Ele tinha várias histórias. Eu fui aluna do Zé Carlos, que é o Kid. Que foi uma pessoa muito reticente, eu li diversas matérias de coisas que ele falou depois. Então, é muito difícil à gente ter uma visão, eu acho que a Solange foi uma vítima. Hoje eu não tenho mais dúvidas, o que a Solange fez infelizmente envolve a queda de pessoas. Isso está no livro, faz parte da história, mas a gente tem que apurar se ela foi presa antes, as circunstâncias, e trazer para todo mundo a história real do que todas as pessoas passaram, porque o que a gente está levantando é isso, a violência, a tortura, o que a repressão era

capaz de fazer com todos, contra a ditadura, porque eu também não tenho dúvida disso. Uma coisa é uma coisa. Eu acho que a gente tem é que se dirigir ao Governador que criou uma Comissão na força da Lei, e que nós, amigos, familiares, temos que pressionar a Bahia, porque a Bahia hoje, Emiliano está sendo processado pelo Átila Brandão, que é um torturador. Torturou muita gente. Não tenho conhecimento se ele torturou meu pai porque meu pai não me fala sobre o que ele passou em Salvador. Então, até hoje ele não me falou. Eu sei do Fleury, do Cerqueira, que foram comandantes da operação (ininteligível) personificar uma culpa, eu acho injusto ainda mais no caso da Solange. A culpa de tudo, para mim, foi quem deu o golpe. Foi ele quem criou esse clima para tudo de violência que aconteceu depois, o que a gente vive ainda hoje, a culpa é de quem deu o golpe. Tanto de quem apanhou, tanto de todo esse grupo, de todas as pessoas que a gente vem revelando aqui, de empresários, de setores civis, e do setor militar que não é o geral. Uma coisa que eu aprendi é que a gente não pode generalizar nada, até porque Lamarca vem do Exército, e igualmente a ele eu conheci várias pessoas que felizmente estão vivas e que também serviram e que não era aquilo que ia desenvolver esse pai.

Então, é isso. Eu acho que a recomendação principal hoje é que a Bahia nos ajude a dar essa resposta sobre o que realmente aconteceu com Solange, e que isso vai trazer diversas outras coisas e a gente ter uma dimensão, que eu já vi que a dimensão da violência e da perseguição na Bahia não foi diferente do que a gente vê e a gente já consegue materializar em São Paulo. Com tudo que nós já temos hoje e essas construções de memoriais e de tantos depoimentos já gravados, na Bahia a gente não tem esse trabalho, infelizmente. Como eu já falei, quando eu fui fazer meu TCC eu vim para aqui. Eu não tinha nada lá, nada, a não ser a minha família que me deu depoimento. Fora isso, documento, um centro de depoimento, não tinha. Então, ainda não tem. É preciso se pressionar para se criar essa força. Então, a minha sugestão é essa com todo respeito a essa história. Hoje eu vou dizer para vocês uma coisa, eu tenho uma outra visão porque o livro restringia a minha visão sobre Solange, e eu acho que a gente, enquanto a gente estiver aqui, eu acho que somos nós que temos que ir atrás. A minha recomendação é essa. Vamos dirigir a Comissão da Bahia porque eles deram uma entrevista aí na Carta Capital, que logo iam lançar, ia nomear, mas até agora nada.

E não é só isso que temos para fazer lá. Mas nós temos que pressionar. A Bahia nos

deve uma resposta. Muito obrigada.

**O SR.** – Denílson, já que você tocou nesse ponto eu só queria fazer um pequeno aparte dizendo que o título realmente desse capítulo de livro e a forma como foi redigido o capítulo, foi uma coisa que me machucou muito quando eu vi esse capítulo.

**A SRA. JESSE JANE VIEIRA DE SOUZA** – Eu queria falar só duas coisas muito rápidas. Primeiro da alegria de ouvir o Gilberto. Essa capacidade que você teve de viver com isso e dar a racionalidade possível para essa dor imensa da sua família. É o seguinte, desde o início dessa discussão da Comissão da Verdade, eu tenho sido um pouco (ininteligível) dizendo o seguinte, que nós temos que produzir movimentos que desritimem o 64, porque enquanto houver Presidentes, ditadores Presidentes com retratos do Palácio, dirigentes do campo popular que se refere a esses militantes como grandes desenvolvimentistas. Enquanto se chamar isso de revolução, se permitir o que nós vemos aí nos quartéis, nós vamos ter uma enorme dificuldade de se produzir uma memória social que tenha assento no terrorismo de Estado. Porque me parece que esse é o núcleo. Eu fiquei muito feliz quando a Comissão Nacional da Verdade centrou na questão do Jango, como único Presidente que morreu no exílio, achincalhado pela direita e pela esquerda, é bom também lembrar disso, setores importantes da esquerda ajudaram a achincalhar a memória do Jango e não conseguiram compreender que nós somos, fomos frutos de luta de uma história do povo brasileiro, não inventamos nada, apenas nos incorporamos a uma história de lutas dos trabalhadores do mundo inteiro, lá do século XIX que lutávamos por uma democracia sim, Gilberto, mas uma democracia diferente da democracia liberal. Uma democracia que seja inclusiva, real. E não uma democracia produzida pelos ingleses lá no século XIX que dá nesse sistema que é o capitalismo onde a inclusão é uma impossibilidade. Outra coisa que eu queria dizer também é o seguinte, nenhum de nós que participou da luta armada, tinha como horizonte a violência pela violência. Nós fomos tragados pela violência produzida pelo Estado. Nos víamos de repente nessa solidão absoluta que você diz, e também é bom dizer que nós vivemos em um contexto produzido a

partir do final da 2ª guerra das lutas anticoloniais, onde a questão da revolução era um dado de possibilidade. Nós não podemos perder de perspectiva a nossa dimensão histórica porque nossas origens estão aí. Se nós nos perdermos disso vamos ficar sem identidade, e a produção dessa identidade é necessária para esses garotos, para esses meninos que estão aí.

Essa identidade é que nos permitiram chegar aqui, que nos permitiram sobreviver também, e eu acho que é isso que nós temos que dizer. Tudo que nós vivemos tem essa dramaticidade, essa tragédia pessoal, essa dramaticidade social que nós somos, fazemos parte de parte da sociedade brasileira que tem um trauma social enorme. Mas nós também temos que dizer que nós somos e fomos frutos de uma grande utopia necessária, e eu acho que a despeito de todas as lágrimas, eu sou a mais chorona de todas, quem me conhece sabe, tudo que nós vivemos valeu muito a pena. Eu acho que você nas suas palavras, nessa capacidade humana que você teve de transmitir essas leituras com racionalidade possível, indica que valeu a pena viver tudo isso. Muito obrigada.

**A SRA. ROSALINA SANTA CRUZ** – Eu queria dizer uma coisa. A gente ainda está em todas as Comissões do Brasil, na fase da memória. Da memória nossa. Eu acho que a gente tem que passar, hoje fica claro aqui que a gente tem que passar para a fase da verdade e da justiça. E a verdade a gente só vai saber se a gente conseguir trazer os torturadores e responsáveis por esses centros, essa casa que a Solange se entregou para vir para um lugar, ser ouvido e perguntado. Enquanto a gente está nessa primeira fase da memória, a gente não vai chegar a esclarecer coisas como ficaram aqui hoje. Coisas que são importantes à gente saber para ter memória e justiça. (ininteligível) torturadores, responsáveis por esses centros, essa casa que a Solange se entregou para vir para o lugar ser ouvido, e perguntado. Enquanto a gente está ainda nessa primeira fase, a memória, a verdade, a gente não vai chegar a esclarecer coisas como ficou aqui hoje. Questões a esclarecer sobre como é importante à gente saber para poder ter memória e poder ter justiça. Sabemos sim, recuperamos o termo que nós tínhamos sempre a história da companheira Solange. Companheira, e sei como deve ter sido a sua dor que é a minha. O nosso carinho e nosso apoio.

**A SRA. JESSE JANE VIEIRA DE SOUZA** – Eu acho que essa possibilidade de justiça, e é isso que nós queremos, ela passa, sobretudo por poder legitimizar o golpe de 64. Enquanto isso tiver legitimidade, a gente não consegue colocar esses caras no banco dos réus.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Isso aí. Agora, todo mundo que está aqui nessa mesa tem uma história. Como diz o meu amigo Ivan que tem mais de 400 anos de cadeia. Então, teria que ter um dia para vocês deporem para falar um pouco de cada um, como é que chegaram nessa encruzilhada. Aí é uma outra história para uma outra vez que nós vamos contar. Eu lia coisas ao seu respeito, Jesse Jane, eu lia coisas ao seu respeito desde moleque. Eu queria ler o seu gibi, saber da história dela que eu só ficava olhando a distância, mas isso é para uma outra vez, não é para hoje.

**A SRA. JESSE JANE VIEIRA DE SOUZA** – A minha história começa aqui em São Paulo. O meu pai foi preso aqui. Minha mãe, minhas irmãs, meus tios.

**O SR. DENÍLSON FERREIRA DE VASCONCELOS** – A gente não pode esquecer do controle da mídia, que é quem tem pautado a política nesse país. Dói falar isso, dói como cidadão, dói como jornalista também. A gente não controla quem pauta o Congresso. A mesma mídia que apoiou o golpe, são sucessores e quem pauta a política, quem pauta a reação pública porque da mesma forma que na época as pessoas não tinham noção do que acontecia nos quartéis. A gente foi vendido como bandido, como terrorista, aliás, na penitenciária (ininteligível) valei para alguma coisa ser taxado como terrorista. Os presos comuns respeitavam muito a gente porque tinha medo da reação. Se é que a gente pode ouvir uma coisa dessa, eu tive como companheiro de prisão o pai dela. Então, a gente não pode esquecer disso, a gente não controla a mídia. A nossa vontade é uma coisa, a realidade está aí, só isso.



**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Vamos lá. Aquele companheiro que vem aqui fazer alguns documentários, ele é da família que conhecia o Gelson Heich. Ele é daquele grupo de judeus que era próximo dos Iavelberg e da Felícia Madeira, do Gelson. Ele acompanhou parece que só o seu pai foi no cemitério no enterro do Gelson. Seu pai e seu tio. Não, o seu tio é o pai do Gelson. Então, as histórias estão todas interligadas. E hoje a gente fez uma coisa muito importante aqui contando a história da Solange, porque o Ivan conviveu com o Capitão Carlos Lamarca, a Thais é dessa diáspora baiana dos Barreto, dessa história que não foi contada. Outro dia o Ibrahim veio aqui e falou do Zequinha. E as pessoas falam do Zequinha Barreto, eu mesmo conheci o Zequinha quando era bem garoto lá em Osasco, meus amigos que foram para Osasco foram lá para o quartel e aí não voltaram mais. Heremias, todos eles não voltaram mais. Então, essas histórias... Mas eu acho, falando da primeira pessoa que é horrível, que hoje a gente deu uma contribuição enorme para a história do Brasil, contando a história da Solange, saindo dessa questão de quem falou, de quem não falou, de quem traiu, de quem não traiu. Como diz a jovem Thais, abstraindo a história de todos os golpistas, que ainda não foi contada. Essa história obviamente é uma história que não foi contada, que precisa ser contada e ser contada com toda a dificuldade que ela é. Mas é importante ter tirado a Solange aqui da presença do irmão dela, dessa posição reducionista, essa posição que não é uma posição da história, mas é a visão dos torturadores, dos golpistas.

Você falou, viu Jesse Jane, que finalmente o Brasil começou a contar a história do João Goulart, mas nós temos que contar também a história do Juscelino. Afinal, ele morreu a caminho do Rio de Janeiro, morreu em Rezende. E o (ininteligível) sempre chama a atenção da gente, porque o ônibus da Viação Cometa fechou o ônibus do Juscelino, jogou ele fora e ele não sobreviveu, levou dois tiros na cabeça. Será que nós vamos ter coragem de saber quem era o dono da Viação Cometa, porque o ônibus foi fechado, quem atirou na cabeça do motorista que sobreviveu, porque Juscelino escapou da emboscada lá em Goiás, a caminho de Brasília, porque ele abortou aquela ida, porque ele foi para o Rio de Janeiro, porque ele foi emboscado no Rio de Janeiro. Será que nós não temos capacidade de fazer isso? Porque a Kombi que foi levar o Lamarca e o Zequinha voltou para o Rio de Janeiro e

em Salvador deu aquela lambança toda. Mas vamos lá. Fala, essa voz maravilhosa que você tem.

**A SRA.** – A gente está vendo, Bahia precisa de um movimento maior lá para dar a pressão, mas é preciso de um entrelaçamento entre o Estado, das Comissões e das não Comissões, porque há um suporte político de muitas histórias que é assim, parte na Bahia e parte no Rio de Janeiro como foi a Solange. Foi presa no Paraná também, mas foi pouco tempo. Então, é para a gente ficar atento porque nem tudo vocês fazem uma audiência aqui. Se reportar a Comissão da Verdade do Rio de Janeiro porque há muita coisa a ser vista lá. Olha, a gente teve essa audiência aqui, mas tem coisas que a gente tem que ver. Às vezes sobre os mesmos casos, ou sobre os conjuntos das testemunhas.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Nós temos esperança que agora com a Rosa Cardoso na coordenação, possa melhorar. Agora, para concluir mesmo. Está muito perto a história do Gelson. Precisamos contar a história do Gelson. Então, pessoal, nós temos que fazer alguma coisa. Já são 50 anos e a gente tem que falar dessa Lei da Anistia. Em vez de a gente ficar brigando entre a gente, os comitês, as comissões.

**A SRA.** – (inaudível – fora do microfone).

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Heremias, Heremias vai contar. Vamos começar a contar do Heremias que morreu na Vila Cosmo. Mas o que eu queria falar é o seguinte, pessoal, nós temos obrigação política de sair dessa defensiva, se livrar dessa choradeira. E o que nós sabemos fazer é política embora a gente não esteja inserido na cúpula da agenda partidária hoje, nós sabemos fazer política e fazer bem feito. E o melhor que nós temos que fazer em memória da Solange e dos nossos companheiros, é fazer a revisão da Lei da Anistia. Não é possível que nós continuemos de joelhos diante dos

militares, dos generais, dos golpistas e dos torturadores, não revendo a Lei da Anistia. Ontem eu até já vi uma imagem na PUC dizendo que a igreja católica faz há dois mil anos a Comissão da Verdade. Pôs uma cruz como símbolo, como símbolo maior da tortura, da crucificação, da matança e até hoje faz a Comissão da Verdade. Está certo que não precisava ter apoiado a inquisição nem o holocausto, mas fez a Comissão da Verdade. Então, quer falar, pode concluir.

**O SR.** – (inaudível – fora do microfone). De repente quem põe obstáculo nesses avanços todos de descobrir a verdade, não são militares não. Tem um monte de civis também nas sombras, esses que participaram do golpe, esses que apoiaram todos esses processos, que financiaram, mas a gente fala o tempo todo em militar, militar, militar, não que, não estou limpando a barra deles, não. Pelo contrário. Mas a gente não pode esquecer dos civis, e os civis que controlam os meios de comunicação, que pautam a política, que pressionam o STF, são esses caras.

**O SR. PRESIDENTE – ADRIANO DIOGO – PT** – Está bom. Até aí nós temos um acordo. Vamos trabalhar que nós temos um acordo. A sessão está encerrada.

\* \* \*